



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA
FACULDADE DE TEOLOGIA

MESTRADO INTEGRADO EM TEOLOGIA (1.º grau canónico)

EDMILSON DE JESUS FURTADO ALVES

O Evento de Paulo no caminho de Damasco
A figura do apóstolo no relato lucano dos Atos e na sua
carta aos Gálatas

Dissertação Final
sob orientação de:
Prof. Doutor José Carlos Carvalho

Porto
2023

Resumo

O evento de Paulo no caminho de Damasco caracteriza-se por ser um dos acontecimentos mais marcantes e enigmáticos da história do Cristianismo. Lucas apresenta este relato de conversão em três ocasiões no livro dos Atos dos Apóstolos, o que sublinha a sua importância. Da mesma forma, Paulo na sua epístola aos Gálatas, relata na primeira pessoa o que realmente sucedeu no caminho de Damasco. No intuito de perceber mais profundamente a historiografia Paulina, iremos submergir nos três mundos de Paulo, Judeu, Grego e Romano, com os seus fenómenos sociais, culturais e religiosos em que Ele viveu, influenciou e consequentemente definiu quem ele era e o que veio a ser. Depois de um breve estudo sobre as diferentes perspetivas da noção de Conversão, tanto no Antigo Testamento como no Novo Testamento iremos debruçar na análise dos três relatos tendo em conta os contextos literários, o conteúdo, a forma e as variações de cada um, assim como na epístola aos Gálatas, onde Paulo sublinha a gratuidade da revelação de Deus, o seu chamado a pregar entre os gentios. Por fim, apresentaremos uma síntese das diferentes perspetivas sobre o evento de Paulo no caminho de Damasco.

Palavras-chave: כּוּשׁ [swb], Μετανοέω, ἀποκαλύπτω, ἐπιστρέψω, Paulo, Conversão, Revelação, Vocação, Caminho, Damasco.

Abstract

Paul's event on the road to Damascus is characterised as one of the most striking and enigmatic events in the history of Christianity. Luke presents this conversion account on three occasions in the book of the Acts of the Apostles, which underlines its importance. Similarly, Paul, in his epistle to the Galatians, relates in the first person what really happened on the road to Damascus. In order to understand more deeply the Pauline historiography, we will immerse ourselves in Paul's three worlds, Jewish, Greek and Roman, with their social, cultural and religious phenomena in which he lived, influenced and consequently defined who he was and who he came to be. After a brief study of the different perspectives of the notion of Conversion, both in the Old Testament and the New Testament, we will focus on the analysis of the three accounts taking into account the literary contexts, the content, the form and the variations of each one, as well as in the Epistle to the Galatians, where Paul underlines the gratuity of God's revelation, his call to preach among the Gentiles. Finally, we will present a synthesis of the different perspectives on Paul's event on the road to Damascus.

Keywords: שׁוּב [swb], Μετανοέω, ἀποκαλύπτω, ἐπιστρέψω, Paul, Conversion, Revelation, Vocation, Road, Damas.

Siglas e Abreviaturas

AJT- The American Journal of Theology

BI- Biblical Interpretation

CE- Cahier Evangile

Ch. ER- Cahiers d'Études du Religieux

DBCI - Dictionary of Biblical Criticism and Interpretation

DCH- The Dictionary of Classical Hebrew

DENT- Diccionario Exegetico del Nuevo Testamento

ExpT- The Expository Times

JBL- Journal of Biblical Literature

LTP- Laval théologique et philosophique

LV- Lumière & Vie

NRT- Nouvelle Revue Théologique

NT- Novum Testamentum

NTS- New Testament Studies

NTSSA- New Testament Society of Southern Africa

NVT- Nouvelle Revue théologique

RB- Revue Biblique

RETM- Revue d'Éthique et de Théologie Morale

RH- Revue Historique

RHPR- Revue d'histoire et de Philosophie Religieuses

RHR- Revue l'Histoire des Religions

RSR- Recherches de Science Religieuse

ScrTh- Scripta Theologica

SR- Studies in Religion/Sciences religieuses

ZNW – Zeitschrift für die Neutestamentliche Wissenschaft

Siglário bíblico

1 Co – 1ª Carta aos Coríntios
1 Cr – 1º Livro de Crônicas
1 Jo – 1ª Carta de João
1 Pe – 1ª Carta de Pedro
1 Rs – 1º Livro de Reis
1 Sm – 1º Livro de Samuel
1 Tm – 1ª Carta a Timóteo
1 Ts – 1ª Carta aos Tessalonicenses
2 Co – 2ª Carta aos Coríntios
2 Jo – 2ª Carta de João
2 Pe – 2ª Carta de Pedro
2 Rs – 2º Livro de Reis
2 Sm – 2º Livro de Samuel
2 Tm – 2ª Carta a Timóteo
2 Ts – 2ª Carta aos Tessalonicenses
Am – Amós
Ap – Apocalipse
At – Atos dos Apóstolos
Cl – Colossenses
Dn – Daniel
Dt – Deuteronômio
Ec – Eclesiastes
Esd – Esdras
Ef – Efésios
Ex – Êxodo
Ez – Ezequiel
Fm – Filêmon
Fl – Filipenses

Gl – Gálatas
Gn – Gênesis
Hb – Hebreus
Hab – Habacuque
Is – Isaías
Jl – Joel
Jo – João
Jó – Jó
Jr – Jeremias
Js – Josué
Jz – Juízes
Lc – Lucas
Lm – Lamentações
Lv – Levítico
Mc – Marcos
Ml – Malaquias
Mq – Miquéias
Mt – Mateus
Na – Naum
Ne – Neemias
Nm – Números
Os – Oséias
Pv – Provérbios
Rm – Romanos
Rt – Rute
Sf – Sofonias
Sl – Salmos
Tg – Tiago

Tt – Tito

Zc – Zacarias

Índice

Introdução	10
CAPÍTULO I – SAULO NO SEU MUNDO.....	13
1.1. Saulo no contexto judaico	15
1.2. Saulo no seu contexto Greco-romano	19
1.3. Perspetivas da noção de conversão	21
1.3.1. Μετανοέω	24
1.3.2. ἐπιστρέψω	25
1.3.3. ἀποκαλύπτω	27
CAPÍTULO II – RELATOS DE CONVERSÃO DE PAULO	30
2.1. At 9,1-19	31
2.1.1. Missão de Paulo (At 9, 1-2).....	33
2.1.2. Teofania de Paulo (Atos 9, 3-6).....	33
2.1.3. Resposta à Teofania (At 9, 7-9).....	34
2.1.4. Ministério de Ananias.....	35
2.1.5. Restauração de Saulo (At 17-19a).....	36
2.2. At 22	38
2.2.1. Paulo dirige-se a multidão (At 22, 1-2)	39
2.2.2. Antecedentes zelosos e ortodoxos de Paulo (At 22, 3-5)	40
2.2.3. Encontro de Paulo com Jesus (At 22, 6-11)	40
2.2.4. Chamada de Paulo aos gentios (At 22,17-21)	42
2.3. At 26	43
2.3.1. Antecedentes de Paulo (At 26, 4-5).....	44
2.3.2. O motivo de julgamento de Paulo: crença na fé judaica (At 26, 6-8)	45
2.3.3. Perseguidor dos Cristãos (At 26, 9-11).....	46
2.3.4. A missão divina de Paulo (At 26, 12-18)	46
2.3.5. Paulo como Testemunha (At 26, 16-18).....	47
2.3.6. Evangelho de Paulo (At 26, 19-23)	49

2.3.7. O desejo de Paulo de converter a sua audiência (At 26, 24-29)	50
2.4. Gl 1,6.11-17	51
2.5. Conversão ou revisão de vida	55
Conclusão.....	58
Bibliografia	60
1. Fontes.....	60
2. Instrumentos	60
3. Estudos.....	61

Introdução

A historiografia Paulina tem suscitado ao longo dos tempos inúmeros estudos, assim como as linhas fundamentais do seu pensamento teológico tais como a soteriologia, a questão da justificação pela fé e a salvação. O encontro pessoal de Paulo com Jesus no caminho de Damasco transformou-o, reconfigurou-o e fê-lo entrar num novo paradigma da sua vida, numa nova forma de pensar e estar, que encontramos de forma explícita nos seus escritos, que por sua vez, mostram que ele teve uma nova conceção, quer do cristianismo nascente, quer do judaísmo. Saulo que até então era um fervoroso perseguidor dos que seguiam a Cristo e proclamavam a mensagem do reino, torna-se à partir do evento de Damasco, Paulo, apóstolo das nações.

O evento de Paulo no caminho de Damasco aparece em três ocasiões no livro dos Atos dos Apóstolos, redigidos por Lucas, o que evidencia a importância deste acontecimento para Lucas e pra toda a história do Cristianismo. Paulo também faz uma referência autobiográfica do seu encontro pessoal com Cristo no evento de Damasco na sua epístola aos Gálatas. Deste modo apresentaremos um estudo exegético narrativo desses três relatos que nos aproxima dos relatos típicos de conversão, embora Paulo nunca tenha usado expressões típicas de conversão. Por esse motivo, apresentaremos também um estudo exegético narrativo da sua epístola aos Gálatas, tendo em conta que Paulo fala numa revelação, para descrever o encontro que ele teve com Cristo no evento de Damasco.

No entanto qualquer estudo em torno dos aspetos da vida de Paulo ou do seu pensamento, implica estudá-lo nas realidades em que ele viveu, numa confluência de mundos e pensamentos. Isso implica entrar numa diversidade complexa de designações éticas, sociais, culturais e religiosa no contexto judaico, grego e romano.

Deste modo, no primeiro capítulo debruçaremos sobre a historiografia de Paulo, percorrendo os três mundos acima referidos com os seus fenómenos sociais, culturais e religiosos em que ele viveu, influenciou e conseqüentemente definiu quem ele era e o que veio a ser. Tudo isso será possível com os dados fornecidos pelo próprio Paulo nas suas epístolas autorais e também com dados dos Atos dos Apóstolos, em que Lucas concede um total de 17 capítulos.

No contexto judaico, Paulo confessa-se Judeu, pertencente a uma família de linhagem farisaica (cf. Fl 3, 5). Deste modo, Paulo revela-se conhecedor da doutrina e rigoroso na observância da lei mosaica, também um profundo conhecedor da cultura, da filosofia, da

retórica, da língua dos seus ancestrais. Deste modo, Paulo revela-nos um grande zelo pelas tradições dos seus ancestrais, aprendida pela tradição.

No contexto greco-romano, iremos ver, apesar da área mediterrânea ter sido conquistada pelos romanos, a influência grega já denotava uma grande influência na mente dos seus súbditos, o que explica a grande influência da língua grega, da metodologia, da filosofia, da arte, da educação e da política. É neste contexto que os historiógrafos se referem ao mundo mediterrâneo do séc. I como Greco-romano. Lucas nos Atos dos Apóstolos, afirma que Paulo pertence como a sua família, à sinagoga helénica de Tarso, Cilícia (cf. At 22,3). Paulo tinha um profundo conhecimento da língua grega, o que denota para Fitzmyer uma boa formação helénica e uma certa influência dos filósofos do seu tempo. Nas suas epístolas Paulo, recorre às técnicas filosóficas da escola estoica, para debater, argumentar, criar um raciocínio lógico. Por fim, iremos ver que Paulo pertence à cidade romana em virtude da sua cidadania e com ela teve inúmeros benefícios face às inúmeras condenações de que foi sujeito.

Neste capítulo abordaremos ainda as diferentes perspetivas da noção de conversão quer no Antigo Testamento onde a conversão aparece designada pelo verbo שׁוּב [swb] um verbo de movimento que significa «voltar-se, retornar, voltar atrás». No sentido teológico poderá significar um «voltar-se para Deus». Uma «in-versão» do homem ou um afastamento do seu mau caminho e conseqüentemente uma mudança ou viragem para Deus. No Novo Testamento, encontraremos três verbos: Em primeiro lugar apresentaremos o verbo *Μετανοέω* em que o seu substantivo *μετανοια* é usado no sentido de uma mudança de sentimentos, arrependimento. Remete-nos para o conhecimento de Deus que se concretiza no batismo do arrependimento. Em segundo lugar apresentaremos o verbo *ἐπιστρέψω* em que é usado no sentido intransitivo «voltar-se, virar» e no sentido moral «converter-se, arrepender». Entretanto Paulo não usa esses verbos acima referidos para falar do seu evento no caminho de Damasco. Por fim encontramos o verbo *ἀποκαλύπτω* que significa «revelar, desvelar». Nas cartas de Paulo o conceito da revelação encontra o seu verdadeiro lugar na escatologia. Na sua carta dirigida aos Gálatas, Paulo faz o uso do substantivo e do verbo para assinalar a «revelação do Filho de Deus» que lhe foi concedido, ou seja, para dar a conhecer a experiência da sua própria vocação (cf. Gl 1, 12-16).

No segundo capítulo, abordaremos os três relatos da conversão de Paulo no livro dos Atos dos Apóstolos, redigidos por Lucas. Para além desta fonte, considerada primordial neste estudo sobre o evento de Paulo no caminho de Damasco, abordaremos também a epístola aos Gálatas, onde Paulo relata na primeira pessoa o que realmente sucedeu no evento de Damasco.

Os relatos de conversão, ou melhor, relatos de como Cristo se manifestou a Paulo no evento de Damasco, atribuindo-lhe um novo estatuto, de perseguidor a perseguido (cf. At 9, 19-28; At 22, 1-5), sublinham o quanto este acontecimento único na vida de Paulo abre, não só uma nova página à vida da comunidade cristã, como também marca o início de um tempo novo para o cristianismo, a abertura a todos os povos, universalidade da revelação, pois já não há gregos, nem romanos, nem judeus (cf. Gl 3, 28).

Ainda neste capítulo faremos uma comparação dos relatos, tendo em conta os contextos literários, o conteúdo, a forma e as variações de cada um. Em At 9, Lucas se serve dos modelos das narrativas de conversões judaicas e mostra como Paulo se torna uma pessoa de destaque no relato deste livro, sem se falar da conversão, mas antes de uma transformação que ele recebe do encontro com Cristo que o faz despojar do velho homem e o prepara para uma missão apostólica, revestido do próprio Cristo (cf. Ef 4, 22-24), deixando assim para trás a vida que vivera antes.

Na sequência, em At 22, no contexto em que Paulo faz sua autodefesa e na linha de At 9, salientando a sua origem e educação judaica, Lucas acrescenta e sublinha a visão que Paulo tivera no templo e o seu zelo e fidelidade às tradições judaicas.

Em At 26, Paulo perante o rei Agripa, não vem para defender das acusações, mas para se autodefender e testemunhar a ressurreição de Cristo, pois, ele viu Cristo à sua volta (cf. At 26,16). Lucas termina os relatos de conversão de Paulo, apresentando-o como aquele que deixou de ser um zeloso perseguidor, para ser instrumento escolhido por Cristo para levar e testemunhar o Seu nome aos confins da terra. Paulo recebe, assim, uma identidade profética.

Por fim, a carta aos Gálatas (Gl 1), além dos elementos em comum com os relatos dos Atos dos Apóstolos, ainda que não nos fornece muitos detalhes de como sucedeu, Paulo sublinha a gratuidade da revelação de Deus, o seu chamado a pregar entre os gentios, a veracidade do seu Evangelho e o apostolado que ele recebe diretamente de Cristo.

CAPÍTULO I – SAULO NO SEU MUNDO

Nesta primeira abordagem do nosso trabalho, iremo-nos debruçar sobre a historiografia Paulina. Fazer um enquadramento histórico da vida de Paulo, significa envolver-se numa diversidade complexa de designações éticas, sociais, culturais e religiosa no contexto judaico, grego e romano. Por outras palavras, significa emergir nos distintos fenómenos sociais, culturais e religiosos em que Paulo viveu, influenciou e conseqüentemente definiu quem ele era e o que veio a ser.¹

Nesta perspetiva muitos exegetas vêem Paulo como uma figura complexa devido a sua tríplice identidade, judaica, grega e romana, e o modo como Paulo emprega a sua identidade, tendo em conta que o próprio assume uma identidade de acordo com o contexto e o grupo em que se encontra.²

Tal complexidade em torno da historiografia de Paulo, torna-se ainda mais evidente quando analisamos os diversos contextos apresentados pela exegese histórica-crítica de acordo com as afirmações de Paulo:

«Afirmou ser um “Hebreu de Hebreus”, mas preferiu a tradução grega das Escrituras Hebraicas. Era de Tarso, mas afirmou ter sido “educado” em Jerusalém. Pregou um evangelho “livre da lei”, mas confiou na lei para fazer o seu argumento. Afirmou ser um apóstolo de Cristo, mas raramente se referiu ao que Jesus ensinou. Ridicularizava os ídolos, mas comia os seus sacrifícios. Ele opôs-se à circuncisão pelos seus, mas um dos seus era circuncidado. As viagens missionárias foram promovidas pela Igreja de Antioquia, mas ele recolheu dinheiro para a Igreja de Jerusalém. Paulo reivindicou a cidadania Romana, mas foi castigado e aprisionado como um súbdito imperial. Discutia como um rabino, mas citava filósofos gregos. Às vezes comportava-se como um Judeu devoto, em obediência à Torá. Outras vezes agiu como se fosse um gentio, ignorando os códigos da pureza judaica. Em outras ocasiões, age como um judeu da diáspora. Em outras ocasiões leu filósofos estoicos “E não vos conformeis com este mundo, mas transformai-vos, renovando a vossa mente” (cf. Rom 12, 2)».³

¹ Cf. Stanley E. Porter, “Paul as Jew, Greek, and Roman: An Introduction,” in *Paul. Jew, Greek, and Roman*, ed. Stanley E. Porter, vol. 5 (Leiden: Brill, 2008), 1–6; Cf. Camille Focant, “L’Expérience Paulinienne d’une Identité En Tension,” *Revue d’Éthique et de Théologie Morale* 271 (2012): 143; Cf. Stanley E. Porter, “Defining the Parameters of Paul’s World: An Introduction,” in *Paul’s World* (Leiden: Brill, 2008), 3; Cf. David B Capes, Rodney Reeves, and E. Randolph Richards, *Rediscovering Paul. An Introduction to His World, Letters and Theology*, vol. 2 (Downers Grove: IVP Academic, 2017), 37.

² Cf. Deok Hee Jung, “A Study of Paul’s Identity in Acts,” *The Expository Times* 130, no. 3 (December 26, 2018): 118.

³ David B Capes, Rodney Reeves, and E. Randolph Richards, *Rediscovering Paul. An Introduction to His World, Letters and Theology* (Downers Grove: IVP Academic, 2007), 36–37.

Nesta perspectiva, afirma Stanislas Breton «Saulo que veio a tornar-se Paulo depois da sua conversão, é um Judeu de obediência farisaica, um Judeu em contacto com Tarso, cidade natal, com a cultura grega, um Judeu helenista que assume, com orgulho o título de cidadão romano».⁴

De igual modo, a exegese histórico-crítica dos últimos séculos, afirma que «Paulo é o verdadeiro fundador do cristianismo, um iniciador da teologia cristã, um pioneiro da missão cristã, um fervoroso pensador apocalíptico, um fariseu rabino que se tornou Cristão, um helenista, um gnóstico sincretista, um convertido ou um profeta da reconciliação».⁵

Não obstante, é pertinente aclarar que as múltiplas identidades eram comuns sobretudo na Asia Menor, em que as culturas gregas e romanas penetravam devido a sua grande influência. Deste modo surgiram cidades gregas e colónias romanas em toda a Asia Menor, Síria e Mesopotâmia. Como consequência esses povos obtiveram novas identidades, mas mantiveram-se nas suas próprias línguas e culturas.⁶

No entanto, para o estudo da historiografia de Paulo, centraremos a nossa atenção no estudo das suas cartas, designadas como cartas proto paulinas, ou seja, as cartas que exegese histórico-crítica atesta como sendo cartas redigidas pelo próprio (Rom; 1-2 Cor; Gl; Flp; 1 Ts; Flm) e posteriormente o livro dos Atos dos Apóstolos outorgados a Lucas.⁷

Contudo, alguns exegetas afirmam que as cartas de Paulo são por excelência, a fonte privilegiada e exclusiva para o estudo da historiografia de Paulo tendo em conta a sua autenticidade e veracidade dos factos. Aliás, é pertinente salientar que, Paulo é juntamente com Jesus uma das figuras mais emblemáticas do novo testamento a ser alvo de uma apresentação biográfica.⁸ Por outro lado encontramos os Atos dos Apóstolos, que ocupa um lugar de

⁴ Cf. Focant, “L’Expérience Paulinne d’une Identité En Tension,” 145.

⁵ David M. Neuhaus, “À La Rencontre de Paul. Connaître Paul Aujourd’hui — Un Changement de Paradigme ?,” *Recherches de Science Religieuse* 90, no. 3 (2002): 353.

⁶ Cf. Jung, “A Study of Paul’s Identity in Acts,” 112–13.

⁷ Cf. Joachim Gnilka, *Paolo Di Tarso. Apostolo e Testimone*, trans. Vincenzo Gatti (Brescia: Paideia, 1998), 21–23; Cf. Giuseppe Barbaglio, *Pablo de Tarso y Los Origenes Cristianos*, vol. 2 (Salamanca: Sígueme, 1992), 17; Cf. Jürgen Becker, *Paolo L’Apostolo Dei Popoli*, trans. Enzo Gatti (Brescia: Queriniana, 1996), 18; Cf. Gregory Tatum, *New Chapters in the Life of Paul* (Washington: The Catholic Biblical, 2006), 2; Cf. Claudio Basevi, *Introducción a Los Escritos de San Pablo. Su Vida y Su Teología* (Madrid: Palabra, 2013), 25; Cf. Teodorico Ballarini, *Paolo. Vita, Apostolato, Scritti*, ed. Teodorico Ballarini, 2ª (Torino: Marietti, 1970), 13.

⁸ Cf. Martin Hengel and Anna Maria Schwemer, *Paul between Damascus and Antioch. The Unknown Years*, trans. John Bowden (Louisville: Westminster John Knox, 1997), 1; Cf. Daniel Marguerat, “L’image de Paul Dans Les Actes Des Apôtres,” in *Les Actes Des Apôtres. Histoire, Récit Théologie. XX Congrès de l’Association Catholique Française Pour l’étude de La Bible (Angers 2003)*, ed. Michel Berder (Paris: Cerf, 2005), 121.

excelência no estudo da historiografia de Paulo, visto que Lucas dedicou-lhe um total de 17 capítulos (cf. At 9; 13-28).⁹

Não obstante é necessário salientar que para além das cartas proto paulinas e do livro dos Atos, encontramos outras fontes, tais como os escritos que foram atribuídos a Paulo, mas que não foram escritos por ele, o que não deixa de ser uma peça fundamental para o nosso estudo.¹⁰ Porém, o que sabemos acerca da historiografia de Paulo, concerne somente ao período significativo da sua vida, assim como muitas figuras da antiguidade, deixando assim uma grande parte da sua vida aberta às especulações.¹¹

Entretanto se queremos chegar ao ápice do nosso estudo em torno da historiografia Paulina não podemos ficar satisfeitos somente com o período significativo da vida de Paulo, mas sim, submergir também no estudo dos anos em que Paulo esteve oculto. E é neste contexto que Martin Hengel no seu livro intitulado “Paul Between Damascus and Antioch. *The Unknown Years*” afirma:

«este obscuro período de tempo, que é duas vezes maior do que os “sete anos de colheita”, vale particularmente a pena uma investigação minuciosa, pois são precisamente estes anos desconhecidos entre Damasco e o fim do período Sírio-Antioqueno que devem ser considerados como a época decisiva em que Paulo alcançou aquele perfil missionário (e teológico) eminente que encontramos da mesma forma nas suas cartas durante o trabalho missionário em torno do Egeu [...] Por outras palavras, nestes treze a dezasseis anos o seu pensamento teológico, a sua estratégia missionária e a sua “autoconsciência apostólica” devem ter amadurecido a tal ponto que, nos sete anos de viagens posteriores, ele foi capaz de colher frutos abundantes».¹²

Esta abordagem de Martin Hengel é fundamental para chegarmos à compreensão do que efetivamente passou nos anos em que Paulo esteve oculto. No entanto, esta abordagem será aprofundada mais à frente no decorrer do nosso trabalho.

1.1. Saulo no contexto judaico

Nas Cartas Proto Paulinas, Paulo declara-se judeu pertencente a uma família de linhagem Farisaica «Circuncidado ao oitavo dia, da raça de Israel, da tribo de Benjamin, hebreu filho de hebreus, quanto à lei fariseu» (Flp 3, 5); «Porque sou Israelita, descendente de Abraão,

⁹ Cf. Marguerat, “L’image de Paul Dans Les Actes Des Apôtres,” 121; Cf. James D. G. Dunn, *The Cambridge Companion to St Paul* (Cambridge University, 2003), 19.

¹⁰ Cf. Basevi, *Introducción a Los Escritos de San Pablo. Su Vida y Su Teologia*, 26.

¹¹ Cf. Becker, *Paolo L’Apostolo Dei Popoli*, 42; Cf. Dunn, *The Cambridge Companion to St Paul*, 20.

¹² Hengel and Schwemer, *Paul between Damascus and Antioch. The Unknown Years*, 12.

da Tribo de Benjamim» (Rom 11, 1); «Hebreus? Também eu. São Israelitas? Também eu. São descendentes de Abraão? Também eu» (2 Cor 11, 22).¹³

A revelação que Paulo faz da sua pertença à Tribo de Benjamim (cf. Flp 3, 5) demonstra que a atribuição do seu nome «Saulo» foi atribuída em honra ao primeiro rei de Israel. Contudo, o nome Paulo não está relacionado de forma alguma com a sua conversão, mas sim é um segundo nome usado sobretudo na comunicação dentro do ambiente greco-romano.¹⁴ A designação de “Hebreu” (cf. Flp 3, 5; cf. 2 Cor 11, 22-23), indica a pessoa que tenha conhecimento da língua, ou seja, um Judeu da Palestina que domina a língua sagrada ou aramaica, ou um judeu da diáspora, com a formação helenista e a cumplicidade com a pátria. Deste modo, Paulo ao autoafirmar-se como «hebreu» pretendia declarar que conhecia a língua, hebraica, aramaica.¹⁵ Na mesma perspetiva, ao afirmar-se «quanto à lei, fariseu» Paulo revela um grande zelo pelas tradições dos seus Ancestrais.¹⁶

Quanto aos Atos dos Apóstolos, redigido pelo terceiro evangelista na ordem canónica, Lucas, encontramos duas vezes a declaração de Paulo como um Judeu. Por ocasião da sua prisão em Jerusalém, cidade central do mundo Judaico, Paulo afirma «Eu sou judeu, de Tarso, da Cilícia, cidadão de uma cidade insigne» (At 21, 39). No seu discurso em Jerusalém, Paulo afirma «Eu sou Judeu. Nasci em Tarso, da Cilícia, mas criei-me nesta cidade, educado aos pés de Gamaliel na observância exata da lei de nossos Pais, cheio de zelo por Deus» (At 22, 3). Paulo dirige-se aos Judeus usando uma linguagem familiar, o que revela uma pertença a um Povo. Por outras palavras, Paulo partilha uma herança ética e religiosa comum com os Judeus.¹⁷

Somente nos Atos dos Apóstolos, encontramos a informação de que Paulo nasceu em Tarso, capital da província da Cilícia. Situado na costa mediterrânea, junto às Margens do Rio Cidno, foi conquistada por Alexandre Magno, e enriquecida pelos Selêucidas. Situada entre as principais cidades do Oriente Médio com uma população de 300.000 mil habitantes, destacava-se pela sua forma intensa como vivia a sua cultura e religião. Uma cidade culta, que levou a ser

¹³ Cf. Dunn, *The Cambridge Companion to St Paul*, 21; Cf. Barbaglio, *Pablo de Tarso y Los Origenes Cristianos*, 2:34; Cf. Rodrigo Furtado, “Paulo de Tarso. Em Torno Da Origem,” in *Paulo de Tarso. Grego e Romano, Judeu e Cristão*, ed. José Augusto Ramos et al., 1ª (Coimbra: Centros de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra, 2012), 15.

¹⁴ Cf. Dunn, *The Cambridge Companion to St Paul*, 21.

¹⁵ Cf. E. P Sanders, *Paul. The Apostle's Life, Letters and Thought* (Minneapolis: Fortress Press, 2015), 26.

¹⁶ Cf. Martin Hengel and Roland Deines, *The Pre-Christian Paul*, trans. John Bowden, 1ª (London: SCM, 1991), 26; Cf. Gnilka, *Paolo Di Tarso. Apostolo e Testimone*, 38.

¹⁷ Cf. Gnilka, *Paolo Di Tarso. Apostolo e Testimone*, 27; Cf. Jung, “A Study of Paul's Identity in Acts,” 118–19.

comparada com Atenas e Alexandria, e onde se formou e se desenvolveu uma importante escola Estoica, tendo Crisipo como representante de máxima influência.¹⁸

De acordo com Atos 22,3, Paulo recebeu a sua educação em Jerusalém, aos pés de Gamaliel, um dos maiores rabinos contemporâneos, da escola de Hillel. Contudo Paulo não atesta a veracidade desta informação na sua carta. Mas esse detalhe é muito importante para Lucas, pois ele colca Paulo em Jerusalém com o intuito de o tornar presente figura na perseguição de Estevão.¹⁹ Martin Hengel afirma que Paulo possa ter recebido a sua educação tanto em Jerusalém como em Tarso, uma vez que é impossível separar a educação grega do judeu.²⁰

O termo “criado” segundo W. C. Van Unnik, significa que Paulo chegou a Jerusalém ainda muito jovem. Aliás Lucas, ao longo da sua narrativa no livro dos Atos vai associando Paulo à Cidade Santa, o que nos leva a compreensão de que Jerusalém era uma cidade muito importante para Paulo.²¹

Como filho de judeus na diáspora, Paulo esteve permanentemente em contacto com outras culturas e mentalidades do seu tempo.²² Paulo foi influenciado por duas culturas, ou seja, a cultura que herdou da sua família e a cultura grega que predominava na cidade. Esta pertença a duas culturas (judaica e grega) é confirmada pelos nomes que lhe foram atribuídos «Saulo e Paulo».²³ Nas epístolas Paulinas aparece sempre o nome Paulo, enquanto, nos Atos dos Apóstolos, o nome Saulo aparece até ao capítulo 13, 9.²⁴

No que concerne ao contexto sócio religioso, Paulo, nasceu e foi educado na religião dos seus ancestrais. Pertence ao grupo dos fariseus, conhecidos como um grupo restrito, conhecedores da doutrina, escrupulosos na observância da lei mosaica e das normas orais elaboradas pela escola rabínica, exegetas da bíblia.²⁵ Neste sentido, é necessário salientar que,

¹⁸ Cf. Basevi, *Introducción a Los Escritos de San Pablo. Su Vida y Su Teologia*, 19; Cf. Abel N. Pena, “De Tarso Na Cilícia à Roma Imperial. A Educação de Saulo,” in *Paulo de Tarso. Grego e Romano, Judeu e Cristão*, ed. José Augusto Ramos et al., 1ª (Coimbra: Centros de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra, 2012), 27; Cf. Jerome Murphy-O’connor, *Paul. A Critical Life* (Oxford: Oxford University, 1996), 19.

¹⁹ Cf. Becker, *Paolo L’Apostolo Dei Popoli*, 49.

²⁰ Cf. Hengel and Deines, *The Pre-Christian Paul*, 3.

²¹ Cf. Dunn, *The Cambridge Companion to St Paul*, 21; Cf. Hengel and Deines, *The Pre-Christian Paul*, 22; Cf. Sanders, *Paul. The Apostle’s Life, Letters and Thought*, 18.

²² Cf. Gnilka, *Paolo Di Tarso. Apostolo e Testimone*, 29.

²³ Cf. Becker, *Paolo L’Apostolo Dei Popoli*, 45; Cf. Pena, “De Tarso Na Cilícia à Roma Imperial. A Educação de Saulo,” 33; Cf. Gnilka, *Paolo Di Tarso. Apostolo e Testimone*, 32.

²⁴ Cf. Barboglio, *Pablo de Tarso y Los Origenes Cristianos*, 2:34.

²⁵ Cf. Pena, “De Tarso Na Cilícia à Roma Imperial. A Educação de Saulo,” 32; Cf Barboglio, *Pablo de Tarso y Los Origenes Cristianos*, 2:39.

uma vida destinada a observância escrupulosa da lei, significa para Paulo, fariseu, a observância ao Criador e Juiz (cf. 1 Cor 3; 5-17; Rom 14, 10-12).²⁶

O templo de Jerusalém era o lugar de culto por excelência, onde se realizavam os sacrifícios, cerimônias solenes, peregrinações nas festas mais importantes, tais como, a Páscoa, o Pentecostes, o Yom Kippur ou a festa do perdão. Paulo professava a fé monoteísta, presente no meio de um só povo, eleito e único destinatário do desígnio da salvação.²⁷ Todavia, neste contexto socio-religioso, o sábado era considerado como um dia insubstituível para um judeu, pois era um dia santo, santificado pelo povo eleito para Deus.²⁸

Nesta cidade nasceram muitos ilustres filósofos como Crisipo, Atenodoro e Nestor. A cidade tinha um grande zelo pelos estudos filosóficos, como está testemunhado num eloquente testemunho deixado por Estrabão «Entre os habitantes de Tarso reina um zelo tão grande pela filosofia e por todos os ramos da formação universal, que supera as grandes cidades como Atenas, Alexandria e as restantes cidades onde haja escolas filosóficas».²⁹

Estrabão elogia a qualidade do ensino que figurava na cidade de Tarso, onde se encontravam todos os ramos das artes liberais, como a poesia, a retórica e as figuras mais importantes da sua escola estoica, como Filósofo Atenodoro, Apolónio de Tiana.³⁰ Neste sentido, é necessário realçar que Tarso era efetivamente conhecido como um notável centro de cultura, graças ao elevado nível de ensino.³¹

Paulo também mostra muito orgulho quando faz alusão ao seu passado como judeu de pura observância e da sua adesão às tradições ético-religiosas do Judaísmo na sua carta a comunidade de Galácia «Ouvistes certamente falar da minha conduta no Judaísmo (...) progredia no Judaísmo mais do que muitos compatriotas da minha idade, distinguindo-me no zelo pelas tradições paternas» (cf. Gal 1, 13-14).³² Com esta passagem, Paulo demonstra a sua atividade como perseguidor daqueles que não obedeciam a lei dos seus ancestrais, do mesmo

²⁶ Cf. Becker, *Paolo L'Apostolo Dei Popoli*, 55.

²⁷ Cf. Barbaglio, *Pablo de Tarso y Los Origenes Cristianos*, 2:37.

²⁸ Cf. Jacob Neusner, "Defining Judaism," in *The Blackwell Companion to Judaism*, ed. Jacob Neusner and Alan J. Avery-Peck (Oxford: Blackwell, 2003), 6.

²⁹ Strabo, *Geography*, 14, 5, 13.

³⁰ Cf. Pena, "De Tarso Na Cilícia à Roma Imperial. A Educação de Saulo," 30–31; Cf. Hengel and Deines, *The Pre-Christian Paul*, 3.

³¹ Cf. Ballarini, *Paolo. Vita, Apostolato, Scritti*, 17.

³² Cf. Barbaglio, *Pablo de Tarso y Los Origenes Cristianos*, 2:35; Cf. Gnllka, *Paolo Di Tarso. Apostolo e Testimone*, 35; Cf. Sanders, *Paul. The Apostle's Life, Letters and Thought*, 22; Cf. Hengel and Deines, *The Pre-Christian Paul*, 20.

modo que se demonstra como um judeu zeloso através da sua expressão, do seu pensamento e da sua conduta.³³

1.2. Saulo no seu contexto Greco-romano

Antes da Conquista da área mediterrânea pelos romanos, os gregos já exportavam a sua cultura, o seu modo de vida para todos os Povos da região. Ainda que os Romanos controlassem os recursos económicos do mundo mediterrâneo da época, os Gregos já tinham influenciado a mente dos seus súbditos, incluindo os romanos, o que explica a grande influência da língua grega, mitologia, filosofia, literatura, arte, educação, arquitetura, moda, política e do lazer. É neste contexto que os historiógrafos referem ao mundo mediterrâneo do séc. I como Greco-romano.³⁴

Nesta perspetiva, de acordo com Horácio, a Grécia, ainda que conquistada militarmente pelos Romanos, sai vitoriosa, uma vez que conquista os Romanos com o esplendor da sua cultura e da arte. Isto fez com que império fosse politicamente Romano e culturalmente grego.³⁵

Paulo situa-se neste contexto Greco-romano. Como referimos acima, Paulo pertence como a sua família, à sinagoga helénica de Tarso, Cilícia. A sua língua grega, não só está livre de semitismos, como também segue de forma natural um estilo grego, o que evidencia que a língua grega de Tarso não se tratava de uma língua estrangeira que ele veio a aprender. Esta tese é também defendida por Fitzmyer, ao afirmar que Paulo ao fazer o uso da língua grega, revela não só uma boa formação helenística e uma certa influência dos filósofos e retóricos populares do seu tempo.³⁶

Do helenismo, Paulo herdou uma grande riqueza de vocabulários, uma delicadeza de pensamento e expressão, assim como um gosto pela dialética. Recorre às técnicas filosóficas da escola estoica, para debater, argumentar, criar um raciocínio lógico.³⁷

³³ Cf. Gnilka, *Paolo Di Tarso. Apostolo e Testimone*, 38.

³⁴ Cf. Capes, Reeves, and Richards, *Rediscovering Paul. An Introduction to His World, Letters and Theology*, 39.

³⁵ Cf. Horace, *Epistles*, 2, 1, 156-57.

³⁶ Cf. Becker, *Paolo L'Apostolo Dei Popoli*, 43; Cf. Neuhaus, "À La Rencontre de Paul. Connaître Paul Aujourd'hui — Un Changement de Paradigme ?," 363.

³⁷ Cf. François Amiot, *Introducción a San Pablo*, trans. Jesús Sánchez Díaz (Caracas: Paulinas, 1966), 28.

Neste sentido, Paulo escreve as suas cartas na língua grega, faz o uso da versão grega dos LXX, com emprego dos termos tais como, «*kardia, nomos, psykhe, hagios, kletos, ekklesia e kharis*», o que provoca uma rutura com as tradições judaicas, uma vez que defendiam que a sagrada escritura deveria ser proclamada única e exclusivamente na língua hebraica.³⁸ As cartas seguem de igual modo as formas gregas, ou seja, começa com o «*superscriptio*», onde indica o remetente da carta, a «*adscriptio*», onde indica os destinatários e «*salutatio*», onde Paulo dirige as suas saudações com fórmulas próprias. Por fim à maneira oriental, constrói um «*salutatio*» com uma expressão pessoal e própria. Paulo utiliza o modelo helenístico para argumentar nas suas cartas.³⁹

Tendo em conta que a o helenismo influenciou por toda a área mediterrânea, os judeus adotaram a língua grega de tal modo que nas sinagogas passaram a utilizar a tradução dos setenta. É de realçar que efetivamente o cânon grego era muito mais completo em relação ao cânon palestino e integrava o livro da Sabedoria, onde Paulo deixou-se influenciar, como podemos provar na sua carta aos romanos, sobre a questão do conhecimento de Deus através das suas obras (cf. Rom 1, 20-22; Sab 13, 1-9), na sua carta aos Coríntios sobre a questão do título da imagem de Deus atribuído a Cristo (cf. 2Cor 4, 4), e por fim, na sua carta aos Colossenses sobre a questão da sabedoria de Deus.⁴⁰

No entanto com maior influência na vida de Paulo e nos seus escritos, encontramos o estoicismo, tendo como representante de maior relevo, o Séneca, um contemporâneo do Apóstolo, com ideias próximas do cristianismo. Esta influência esteve assente na apresentação do monoteísmo hebraico no discurso de Paulo no areópago (cf. At 17, 24-27; Rom 1, 18-20). É de realçar que tarso era conhecido como uma nação de pensadores estoicos. Em último lugar, encontramos a corrente filosófica denominada de Cínica. Esta corrente filosófica tinha como objetivo instruir os seus seguidores a desprenderem dos bens materiais e a zelarem pela liberdade individual. A sua influência na vida e nos escritos de Paulo encontram-se nas formas literárias como «*diatribe*».⁴¹

No que concerne à sua cidadania romana, é necessário realçar que ao contrário do seu judaísmo, Paulo menciona raras vezes a sua cidadania romana ao longo dos Atos dos Apóstolos. A primeira vez que Paulo menciona a sua cidadania romana é na cidade romana de

³⁸ Cf. Basevi, *Introducción a Los Escritos de San Pablo. Su Vida y Su Teología*, 20.

³⁹ Cf. Becker, *Paolo L'Apostolo Dei Popoli*, 61.

⁴⁰ Cf. Edouard Cothenet, *San Pablo En Su Tiempo*, trans. Verbo divino, vol. 4 (Estella- Navarra: Verbo Divino, 1985), 8.

⁴¹ Cf. Basevi, *Introducción a Los Escritos de San Pablo. Su Vida y Su Teología*, 23; Cf. Cothenet, *San Pablo En Su Tiempo*, 4:7.

Filipos (cf. At 16, 37), acusado pela lei judaica de estar a provocar uma desordem cívica. Neste sentido Paulo reivindicou a sua cidadania romana com o propósito de retificar o problema através da lei romana. A segunda vez que Paulo menciona a sua cidadania romana foi em Jerusalém. Paulo foi acusado pelos judeus devido aos seus comportamentos religiosos. Deste modo, Paulo recorre uma vez mais a sua cidadania romana, face ao julgamento a que estava sujeito (cf. At 22, 25). Lísias escreve uma carta ao governador Félix, onde identifica Paulo como uma pessoa distinta da sociedade judaica, de forma a ser julgado pela lei romana e não pela lei judaica (cf. At 22, 29). Deste modo, a sua identidade romana o separa do mundo judaico e da lei (cf. At 23, 29). Com o propósito de provar a sua inocência, Paulo recusa ser entregue ao mundo judeu e apela ao tribunal do imperador para ser julgado, de acordo com o costume dos romanos (cf. At 25, 16).⁴²

É necessário realçar que Paulo pertenceu à cidade romana em virtude da sua cidadania. O mundo em que Paulo se encontrou, estava a recuperar da guerra civil que o imperador Augusto tinha posto fim. Tratava-se de um mundo em processo de renascimento. Como cidadão romano de nascimento, e membro privilegiado desta sociedade, Paulo usufruiu plenamente dos benefícios do domínio romano.⁴³

No desenvolvimento do estudo em torno da sua historiografia podemos concluir que efetivamente Paulo pertencia a três mundos distintos (judeu, grego e romano). Paulo é um judeu da cidade de tarso, no que se refere à sua religião, um cidadão grego tendo em conta a sua cultura helénica, e por fim, um cidadão romano no que se refere a política.⁴⁴

1.3. Perspetivas da noção de conversão

No Antigo Testamento a conceção da conversão ou o retorno a Deus, expressa-se essencialmente pelo verbo hebreu *Swb*, sendo um dos verbos mais empregados na bíblia hebraica. Não obstante encontramos na bíblia grega os verbos epistréphein e metanoéin para referir a conversão.⁴⁵

⁴² Cf. Jung, “A Study of Paul’s Identity in Acts,” 119–20.

⁴³ Cf. Richard Wallace and Wynne Williams, *The Three Worlds of Paul of Tarsus* (London: Routledge, 1998), 7.

⁴⁴ Cf. Barbaglio, *Pablo de Tarso y Los Origenes Cristianos*, 2:36.

⁴⁵ Cf. Juan Alonso, “Conversion y Hombre Nuevo. Teología de La Conversion de San Pablo,” *Scripta Theologica* 41, no. 1 (2009): 50.

Na história do povo de Israel encontramos formas rituais de conversão (a prática da penitência), mas não encontramos um termo genérico com o qual devemos expressar o ato de penitência em si mesma e uma forma abrangente. Na profecia, através do uso do verbo *swb*, desenvolve-se uma linguagem que significa «voltar, voltar atrás», no sentido de abandonar o caminho percorrido até ao momento presente e voltar, regressar ao ponto de partida. Este verbo é usado para descrever uma decisão geral da vida que marca toda a existência.⁴⁶

A compreensão do verbo converter e o seu significado, são transmitidos nas suas mais variadas formas. Neste sentido iremos explorar as diversas compreensões bíblicas relativamente a este verbo converter.⁴⁷

A raiz שׁוּב «*swb*» ocorre praticamente em todas as línguas semíticas. Contudo é difícil determinar a raiz em que שׁוּב se baseia e qual o seu significado primário. Segundo a conceção de Graupner, é provável que שׁוּב representasse inicialmente um verbo de movimento com o significado básico de mover-se numa direção oposta àquela para a qual se movia anteriormente, ou seja, retroceder ao ponto de partida. Contudo, o significado original do termo significa antes «virar». No sentido teológico שׁוּב significa «virar para Deus».⁴⁸

No acádio, o equivalente ao verbo hebraico *Swb* é o verbo *târu* que no uso secular exhibe uma notável concordância com o significado «voltar, virar, girar, voltar a uma condição anterior, restabelecer-se, acalmar-se». Contudo existe uma diferença notável quanto ao uso teológico do verbo, uma vez que *târu* nunca se refere ao regresso ético-religioso de uma pessoa a uma divindade, o que é central no conceito hebraico.⁴⁹

Ainda que a religião de Israel se referisse essencialmente a pessoas que nasceram em Israel, a bíblia também fala dos estrangeiros ou viajantes entre o povo, ainda que, as restrições impostas pela lei governassem a sua participação na vida religiosa de Israel (cf. Ex 12, 43-45), mas, podiam oferecer sacrifícios a Deus, e sob a condição de os homens se circuncidarem, podendo mesmo participar nas celebrações da Páscoa (cf. Nm 14, 13-15; Ex 12, 48-49). Rute é um claro exemplo de uma peregrina que toma Deus de Israel como seu. A Conversão de Rute ao culto de Israel significa neste sentido o regresso de Israel a Deus (cf. Jr 3, 1-4; Is 55). Apesar

⁴⁶ Cf. Walter Kasper, “Conversión,” in *DEETB*, trans. Marciano Villanueva Salas, vol. 1 (Barcelona: Herder, 2011), 273–98.

⁴⁷ Cf. Beverly Roberts Gaventa, “Conversion,” in *AnBD*, ed. David Noel Freedman, vol. 1 (New York, London, Toronto, Sydney, Auckland: Doubleday, 1992), 1131–33.

⁴⁸ Cf. M. Graupner, “Swb,” in *TDOT*, ed. G. Johannes Botterweck, Hekmer Ringgren, and Heinz-Josef Fabry, trans. Douglas W. Stott, vol. 14 (Grand Rapids, MI: William B. Eerdmans, 2004), 461–511; Cf. David J.A. Clines, “Swb,” in *The Dictionary of Classical Hebrew*, vol. 8 (Sheffield: Sheffield Phoenix Press, 2011), 276–79.

⁴⁹ Cf. Graupner, “Swb,” 468.

da falta de fé de Israel (cf. Jr 4, 1-4), ela poderá regressar e encontrar a misericórdia e o perdão. No entanto é necessário que Israel se arrependa dos seus pecados e regresse a Deus em verdade e justiça (cf. Jr 4, 1-4), um momento que requererá o fortalecimento de Israel (cf. Jr 3, 22) e por sua vez, estabelecerá uma relação renovada com Deus. Este regresso não se trata de uma conversão no sentido de uma mudança religiosa, mas sim uma transformação.⁵⁰

A raiz *Swb* é empregada de modo frequente no paralelismo e justaposição direta dos sinónimos «virar, cercar», «virar-se para o lado, desviar-se», inclusive no sentido teológico «afastar-se (de Deus), «virar, tomar uma direção específica», «virar para Deus», «desviar, afastar-se (de Deus)», «virar, regressar». Este movimento que requer o verbo *swb*, desempenha um papel importante no *Hiphil* no sentido de «conduzir alguém de volta, incitar alguém a regressar» (cf. Is 29, 4), «trazer alguém de volta à sua posição, reintegrar uma pessoa» (cf. Gn 41, 13; Sl 80, 4) «trazer alguém ou alguma coisa para casa» (cf. Is 6, 7). A raiz *swb* no sentido de retorno ou arrependimento, funciona diversas vezes como palavra-chave na proclamação profética «Afastai-vos dos vossos maus caminhos e guardai os meus mandamentos e preceitos» (cf. 2 Rs 17, 13).⁵¹

No AT, nomeadamente nas Profecias, o verbo *swb* refere-se a uma «in-versão» do homem ou um afastamento do seu mau caminho e conseqüentemente uma mudança ou uma viragem para Deus. Em Amós, tendo em conta que não houve uma conversão de forma abrangente, o povo ficou sujeito a um severo castigo e, em atenção a um pequeno ««resto» que será poupado (cf. Am 4, 6-12; 8, 2). Da mesma forma Isaías, refere-se as atitudes do povo de Israel que afastam da comunhão com Deus, mas Deus permanece compadecido, continua a «estender a sua mão» (cf. Is 6, 10; 9, 12s). A conversão a que Israel é incitado, consiste precisamente em empreender uma orientação incondicional para Yhaweh «o santo de Israel» e conseqüentemente um afastamento de todos os deuses estrangeiros (cf. Is 10, 20).⁵²

Em Oseas, Israel é chamado a uma conversão que implica por sua vez um retorno à relação com Deus (cf. Os 2, 8s). Contudo, o profeta Oseias constata no seio do povo de Israel uma falta de noção da percepção da própria culpa (cf. Os 6, 2-3), um conhecimento de Deus. Diante da impossibilidade do seu povo chegar à conversão, Deus oferece ao seu povo, de forma gratuita, a possibilidade de conversão. (cf. Os 5, 4; 7, 19; 11, 4s).⁵³

⁵⁰ Cf. Gaventa, “Conversion,” 1131–32; Cf. David J.A Clines, “Swb,” 274–81.

⁵¹ Cf. Graupner, “Swb,” 479–84.

⁵² Cf. Kasper, “Conversión,” 381.

⁵³ Cf. Graupner, “Swb,” 487; Cf. Kasper, “Conversión,” 381–82.

Na perspectiva dos profetas Amós, Oseias e Isaías, a concepção da conversão é entendida no sentido de uma orientação tendo como propósito, Deus. Contudo, em Jeremias e Ezequiel, a concepção da conversão é entendida como um afastamento de todo o pecado, de tudo o que é contrário a ética de Deus, a divindade, provocado pela graça de Deus (cf. Jr 26, 3; 31, 18; 36, 3; Lm 5, 21). Por outras palavras, é primeiramente pela própria graça de Deus, e não pela ação do próprio penitente que ele se afasta do seu mau caminho. Deste modo, Ezequiel compreende a conversão num sentido individual expressa em níveis éticos, isto é, no abandono de um estilo de vida pecaminoso (cf. Ez 3, 19; 33, 12).⁵⁴

A conversão no Novo Testamento assume as mesmas características do Antigo Testamento, tendo como propósito a transformação interior e completa do próprio homem. Contudo, a concepção da revelação no Novo Testamento, consagra-se com a revelação de Deus Pai em Jesus Cristo, através do Espírito Santo. Contudo, ela está intrinsecamente ligada a resposta do homem.⁵⁵

1.3.1. Μετανοέω

A preposição *μετα* em conjunto com os compostos originam significados distintos. Significa «reparar, mudar a mente (*νοῦς*), adquirir uma nova concepção das coisas em relação ao passado, arrepender-se. O uso do substantivo *μετανοια* é usado com o mesmo sentido: uma mudança de sentimentos, arrependimento.⁵⁶

Μετανοια e *μετανοεω* aparecem com maior frequência nos Evangelhos sinópticos, especialmente no Evangelho de Lucas em que aparecem em 5 e 9 ocasiões respetivamente; no Evangelho de Marcos, aparecem em 1 e 2 ocasiões respetivamente e o Evangelho de Marcos em 2 e 5 ocasiões respetivamente. No livro dos Atos, aparecem em 6 e 5 ocasiões, o que denota a importância deste verbo para Lucas. No livro do Apocalipse o verbo *μετανοεω* aparece em 11 ocasiões. Contudo é necessário realçar que este verbo não é habitual no epistolário Paulino.⁵⁷

Na concepção de João Batista, *μετανοια* significa um reconhecimento radical de Deus que se concretiza de forma exclusiva no batismo do arrependimento, deixando assim aberta a possibilidade de salvação. Nesta perspectiva podemos afirmar que o convite a conversão que

⁵⁴ Cf. Kasper, “Conversión,” 382; Cf. Graupner, “Swb,” 492–95.

⁵⁵ Cf. Alonso, “Conversion y Hombre Nuevo. Teología de La Conversion de San Pablo,” 48–49.

⁵⁶ Cf. Johannes Behm, “Μετανοέω,” in *GLNT*, ed. Felice Montagnini, Giuseppe Scarpata, and O. Soffritti, trans. Franco Ronchi and Giovanni Casanova, vol. 7 (Brescia: Paideia, 1971), 1108–16.

⁵⁷ Cf. Helmut Merklein, “Μετανοέω,” in *DENT*, ed. Horst Balz and Gerhard Schneider, trans. Constantino Ruiz-Garrido, vol. 2 (Salamanca: Sigueme, 1998), 248–59; Cf. Behm, “Μετανοέω,” 1169.

anunciada por João Batista está intrinsecamente relacionada com a revelação escatológica de Deus.⁵⁸

De acordo com a Fonte Q, o arrependimento não significa exclusivamente, afastar-se do mau proceder, mas também, implica o reconhecimento da mensagem e da missão de Jesus. Em Mc 1, 15 o arrependimento é uma resposta positiva ao anúncio do reino de Deus. Por outras palavras, a conversão não se resume unicamente na rutura com o passado pecaminoso, mas sim, abrange toda a transformação do homem com vista ao reino de Deus. Todavia, em Mt 3, 11, o batismo de João Batista é visto como um caminho para chegar ao arrependimento, mas resulta-se ineficaz se o considerarmos como a única condição para chegar a salvação, visto que não tem poder para perdoar os pecados. Em Lucas para obter o perdão dos pecados e consequentemente a salvação que vem de Jesus, é necessário afastar-se do pecado, das obras que levam a morte (cf. Lc 4, 16-21; 5, 23; 7, 47s). Há que acrescentar aqui também o Batismo administrado por João Batista que tem como fim último o arrependimento dos pecados (cf. Lc 3, 3).⁵⁹

Por conseguinte, nas epístolas Paulinas encontramos algumas passagens apontando para a conversão. Em Rom 2, 4, o conceito da conversão está relacionado com a paciência e a bondade de Deus, que o aponta o caminho à conversão. Por outras palavras, Paulo afirma que ninguém pode chegar à conversão se não for levado pela misericórdia e a benignidade de Deus. Por conseguinte, em 2 Cor 7, 9-10; 12, 21, o conceito da conversão está relacionado com a mudança radical que conduz à salvação. Em 2 Tm 2, 25 *Μετανοια* significa retorno dos falsos profetas à pura observância da lei e da sua prática. Em Hb 6, 1 está relacionada com o afastar-se das obras que conduzem à morte.⁶⁰

1.3.2. ἐπιστρέψω

Nos LXX, este verbo e o substantivo aparecem em 579 ocasiões, sendo que em 408 ocasiões aparecem representadas pelo verbo Swb. No sentido religioso, este verbo significa, apostasia e conversão. No entanto existem outras designações, tais como, virar-se, afastar-se, distanciar-se, voltar-se. Trata-se efetivamente de um verbo de movimento. Um claro exemplo,

⁵⁸ Cf. Behm, “Μετανοέω,” 1174.

⁵⁹ Cf. Merklein, “Μετανοέω,” 251–56; Cf. Behm, “Μετανοέω,” 1178.

⁶⁰ Cf. Merklein, “Μετανοέω,” 257–58; Cf. Behm, “Μετανοέω,” 1183–86.

é o repatriamento do Povo do cativo da Babilônia em que o Povo se afasta do seu mau caminho e volta-se para Deus (cf. 1 Cor 6, 24-26; 30, 9).⁶¹

O verbo ἐπιστρέψω ocupa um lugar de relevo no Novo Testamento, tendo em consideração o número de vezes que ele aparece. Neste sentido, o verbo ἐπιστρέψω aparece em 36 ocasiões no Novo Testamento, sendo que, nos Evangelhos Sinópticos, aparece em 7 ocasiões no Evangelho de Lucas, e em 4 ocasiões nos Evangelhos de Mateus e Marcos, repetidamente. Nos Atos dos Apóstolos este verbo ἐπιστρέψω aparece em 11 ocasiões, o que acentua a importância que este verbo tem para Lucas, o que não acontece em Paulo, sendo que nas suas cartas aparece somente em 3 ocasiões (cf. 2 Cor 3, 16; Gl 4, 9; 1 Ts 1, 9).⁶² Não obstante, este verbo aparece ainda em duas ocasiões na epístola de Tiago assim como no livro de Apocalipse. Por fim, encontramos algumas referências desse verbo em outras ocasiões (cf. Jo 21, 20; 1 Pe 2, 25; 2 Pe 2, 22).⁶³

O verbo ἐπιστρέψω aplica-se habitualmente no sentido intransitivo «voltar-se, virar» (cf. Mt 12, 44; Mc 4, 30; 8, 33; 13, 16; Lc 2, 39; 8, 55; Jo 21, 20; At 15, 36; 16, 18; Ap 1, 12), sobretudo no sentido moral «arrepender-se, converter-se», com a exceção do Evangelho de Lucas (cf. Lc 1, 16-17) e a Epístola de Tiago (cf. Tg 5, 19-20) em que encontramos a aplicação do verbo ἐπιστρέψω no sentido transitivo «fazer voltar».⁶⁴

No livro dos Atos dos Apóstolos, o anúncio do evangelho tem como firme propósito a conversão, primeiro entre os Judeus (cf. At 3, 19; 26, 18-20) e posteriormente entre os gentios (cf. At 11, 21; 14, 15; 15, 3-19; 26, 18-20). Deus usará de misericórdia e amabilidade para todas as nações, e de modo especial aos Judeus (Rm 11,1-36). Por conseguinte, os gentios abandonaram as suas crenças nos seus ídolos e converteram-se ao Deus Vivo, esperando assim o retorno do ressuscitado (1 Ts 1, 9). Em 2 Cor 3, 16 o véu que ocultava o rosto de Moisés do esplendor da luz divina, representa Israel que na sua pertinácia foi incapaz de perceber o apelo a conversão. Contudo quando voltar o seu coração, o seu olhar para o Deus vivo, o véu cairá da sua face.⁶⁵ Neste sentido, Deus oferece ao seu povo, de forma gratuita, a possibilidade de conversão.⁶⁶

⁶¹ Cf. Georg Bertram, “Ἐπιστρέφω,” in *GLNT*, ed. Felice Montagnini, Giuseppe Scarpato, and O Soffritti, trans. Gino Cecchi and Gianfranco Forza, vol. 12 (Brescia: Paideia, 1979), 1367.

⁶² Cf. Simon Légasse, “Ἐπιστρέφω,” in *DENT*, ed. Horst Balz and Gerhard Schneider, vol. 1 (Salamanca: Sígueme, 1996), 1540–41; Cf. Bertram, “Ἐπιστρέφω,” 1373.

⁶³ Cf. Légasse, “Ἐπιστρέφω,” 1540–41.

⁶⁴ Cf. Légasse, 1541.

⁶⁵ Cf. Alonso, “Conversion y Hombre Nuevo. Teología de La Conversion de San Pablo,” 52; Cf. Légasse, “Ἐπιστρέφω,” 1542–43.

⁶⁶ Maria do Céu Fialho, “Paulo No Caminho de Damasco,” in *Paulo de Tarso. Grego e Romano, Judeu e Cristão*, ed. José Augusto Ramos et al., 1ª (Coimbra: Centros de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra, 2012), 45–54.

Deste modo, encontramos a justaposição entre o verbo «ἐπιστρέψω» e «μετανοέω» (cf. At 3, 19-26; 9, 35), pois, por um lado está aquele que mortificou a sua atitude em relação a sua crença e voltou-se, converteu-se a Deus, na esperança da última vinda de Cristo ressuscitado e por outro lado, aquele que mediante a graça de Deus, se voltar para Ele, se converter, se ser-lhe-á revelado o esplendor da luz divina e conduzido à liberdade plena (cf. 2 Co 3, 16).⁶⁷

Na Epístola de Tiago, entende-se a noção de conversão no sentido de que toda a comunidade é exortada a ajudar o irmão extraviado a converter-se do seu mau caminho e regressar a uma conduta cristã autêntica, à comunhão com Deus. Deste modo a salvação virá para todos, porque todos são partícipes do processo de conversão daquele que se extraviou da comunhão com Deus (cf. Tg 5, 19-20).⁶⁸

1.3.3. ἀποκαλύπτω

Em todas as religiões encontramos manifestações do divino, que consistem precisamente em desvelar o que está oculto, ou seja, revelar aquilo que a capacidade cognitiva do homem não consegue decifrar. Diante desta impossibilidade, o homem primitivo usou aquilo que podemos referir como novos métodos para alcançar a revelação, «furar o véu, desvelar o que está oculto». Assim, o homem primitivo, faz a experiência da revelação a partir dos objetos sagrados, oráculos, pessoas e até mesmo a partir dos sonhos, considerados manifestações de outra realidade. Todavia no Oriente, a manifestação da revelação acontecia a partir da observação das estrelas. No entanto é pertinente salientar que no Antigo Testamento, o jejum e penitência eram condições primordiais para a receção da revelação.⁶⁹

Segundo a denominada tradição Q, este verbo não se refere tanto a desvelar algo que anteriormente tinha sido ocultado, mas sim a revelar uma realidade que por sua própria natureza estava velada. Segundo Lc 2, 32, o Messias é a «luz que revela a realidade de Deus aos gentios», uma afirmação hímica apoiada em Is 42, 6s; 49, 9.⁷⁰

A revelação no Antigo Testamento está intrinsecamente ligada a revelação no Novo Testamento, pois é o mesmo Deus que se revela, ainda que não seja de forma análoga. Nesta perspectiva, podemos afirmar que entre o Antigo e o Novo Testamento existe uma continuidade

⁶⁷ Cf. Alonso, “Conversion y Hombre Nuevo. Teología de La Conversion de San Pablo,” 52; Cf. Légasse, “Ἐπιστρέψω,” 1542–43.

⁶⁸ Cf. Légasse, “Ἐπιστρέψω,” 1543.

⁶⁹ Cf. Albrecht Oepke, “Ἀποκαλύπτω,” in *GLNT*, ed. F. Montagnini, G. Scarpata, and O. Soffritti, vol. V (Brescia: Paideia, 1969), 87–103.

⁷⁰ Cf. Traugott Holtz, “Ἀποκαλύπτω,” in *DENT*, ed. Horst Balz and Gerard Schneider, vol. 1 (Salamanca, 1996), 391.

da história da salvação. Um dos factos primordiais do Novo Testamento é o desvelamento do próprio Deus. Ao contrário do que se sucedera no Antigo Testamento, Deus já não se mantém oculto, mas sim faz-se presente através da revelação do seu próprio Filho, que anuncia o seu reino e o seu desígnio da salvação para todos os povos. (cf. Mc 1, 15). Neste sentido, a religiosidade do Novo Testamento está desde o princípio orientada para a revelação, como ação do próprio Deus.⁷¹

Segundo a compreensão do Novo Testamento, Deus revela-se como aquele que atua na história. A ação deliberativa de Deus ocorre na história por intermédio do seu próprio filho. O conjunto de palavras referem-se nitidamente ao «desvelamento» da realidade de Deus assim como esse «desvelamento» ocorreu nessa história.⁷²

Nas castas de Paulo o conceito da revelação encontra o seu verdadeiro lugar na escatologia. O Cristo glorioso, ainda oculto, será manifestado na sua gloria.⁷³ Na sua carta dirigida aos Gálatas, Paulo faz o uso do substantivo e do verbo para assinalar a «revelação do Filho de Deus» que lhe foi concedido, ou seja, para dar a conhecer a experiência da sua própria vocação (cf. Gl 1, 12-16). Deste modo, tanto a «revelação filho de Deus» e do seu Evangelho é visto aqui como um «acontecimento escatológico» (cf. Rom 1, 8). Alguns exegetas asseguram que o verbo está relacionado com uma revelação profética. Deste modo, Paulo é o recetor da revelação (cf. Gl 2, 2).⁷⁴

No que concerne a tradição Petrina, o uso do verbo e do substantivo aponta-nos para uma revelação feita aos Profetas que anunciaram a salvação que vem de Cristo (1, 12). Esta última revelação é entendida no sentido de que aos Profetas foi-lhes revelado não só o anúncio da salvação, mas também a promessa de que ocorreria em algum momento no futuro (cf. Hab 7, 1s). Por outras palavras o uso do verbo e do substantivo na tradição Petrina aponta nos para a segunda vinda de Cristo que está iminente (cf. 1 Pe 1, 7-13; 4, 13).⁷⁵

Não obstante, é pertinente salientar que em Paulo, não é corrente o uso dos termos que se referem a conversão.⁷⁶ No entanto, Becker sublinha com diligência que Paulo utiliza os

⁷¹ Cf. Oepke, “Ἀποκαλύπτω,” 126–28.

⁷² Cf. Holtz, “Ἀποκαλύπτω,” 395.

⁷³ Cf. Oepke, “Ἀποκαλύπτω,” 135.

⁷⁴ Cf. Holtz, “Ἀποκαλύπτω,” 392–93; Cf. Oepke, “Ἀποκαλύπτω,” 136–38; Cf. Pierre-Marie Beaude, “La Conversion de Saint Paul,” *Lumière & Vie* 276 (2007): 34.

⁷⁵ Cf. Holtz, “Ἀποκαλύπτω,” 394.

⁷⁶ Cf. Behm, “Μετανοέω,” 1186; Cf. Alonso, “Conversion y Hombre Nuevo. Teología de La Conversion de San Pablo,” 51.

verbos relacionados com a visão para falar do seu encontro com Cristo (cf. 1 Cor 15, 8; 2 Cor 4, 5-6; 12, 1-7; Gl 1, 16).⁷⁷

⁷⁷ Cf. Neuhaus, “À La Rencontre de Paul. Connaître Paul Aujourd’hui — Un Changement de Paradigme ?,” 357.

CAPÍTULO II – RELATOS DE CONVERSÃO DE PAULO

O evento de Paulo no caminho de Damasco, relatado por Lucas no livro dos Atos, é visto pelos exegetas como um dos eventos cruciais na história do Cristianismo, concretamente com o anúncio do Evangelho a todas as nações da terra. Tendo em conta a sua elevada importância, Lucas relata este evento em três ocasiões, sendo que nos Atos 9, é vista sob a forma de narrativa e nos Atos 22 e 26 como discursos autobiográficos. Contudo existem uma série de variações ao longo dos discursos no que concerne às palavras, lugares e à própria linguagem. Não obstante, é pertinente salientar que para imergir no estudo Paulino, requer como condição primária, debruçar-se de forma zelosa no estudo das declarações do próprio Paulo na sua epístola aos Gálatas.⁷⁸

Esses relatos continuam até hoje a ser objetos de investigação, sendo que para maioria dos comentadores nas últimas décadas a narrativa de At 9 e os discursos de Paulo em At 22 e At 26 descrevem uma conversão.⁷⁹ Os termos que designam conversão no livro dos Atos são frequentes,⁸⁰ porém não aparecem em At 9 e 22. De acordo com Aletti, o emprego de Paulo destes termos em At 26 não é com o objetivo de descrever uma mudança radical de vida que convidara Cristo, mas sim para descrever a sua missão junto dos povos e nações pagãs, pois, Cristo o enviara para lhes abrirem os olhos para que possam passar (ἐπιστρεφεῖν) das trevas para a luz (cf. At 26,17). De facto, Paulo declara que foi o que ele fez «que se devem arrepender (μετανοεῖν) e voltar-se (ἐπιστρέφειν) para Deus» (cf. At 26,20).⁸¹

Lucas faz estas repetições, pois, considera extraordinariamente importante e deseja impressionar de forma inesquecível o leitor.⁸² O Paulo lucano, depois do episódio de Damasco, recorda estes acontecimentos em dois discursos e momentos diferentes, um perante o povo judeu no templo em Jerusalém, após a sua prisão (cf. 22,3-21), outro perante o rei Agripa, a sua

⁷⁸ Cf. Jürgen Roloff, *Hechos de Los Apostoles*, trans. Dionisio Mínguez (Madrid: Cristiandad, 1984), 197; Cf. Ajith Fernando, *Acts. The Niv Application Commentary*, ed. Terry Muck (Grand Rapids: Zondervan, 1998), 294; Cf. S. Reymond, “Paul Sur Le Chemin de Damas (Ac 9; 22 et 26). Temps et Espace d’une Expérience,” *Nouvelle Revue Théologique* 4 (1996): 520; Cf. Paul W. Walaskay, *Acts* (Louisville: Westminster John Knox, 1998), 90; Cf. Beaudé, “La Conversion de Saint Paul,” 41.

⁷⁹ Cf. Jean-Noël Aletti, “Can One Speak of a Conversion of Paul in the Book of Acts?,” *Studia Biblica Slovaca* 9, no. 1 (2017): 104; Cf. Richard N. Longenecker, “Acts,” in *The Expositor’s Bible Commentary*, ed. Frank E. Gaebelein and J. D. Douglas, vol. 9 (Grand Rapids, MI: Zondervan, 1981), 367; Cf. Fernando, *Acts. The Niv Application Commentary*, 294–95.

⁸⁰ Cf. μετανοέω em At 2,38; 3,19; 8,22; 17,30; 26,20; μετάνοια em At 5,31; 11,18; 13,24; 19,4; 20,21; 26,20; ἐπιστρέφω em At 3,19; 11,21; 14,15; 15,19; 26,18.20; 28,27; ἀποστρέφω em At 3,26 (para se afastar da maldade). Cf. também Aletti, “Can One Speak of a Conversion of Paul in the Book of Acts? 105.

⁸¹ Cf. Aletti, 105.

⁸² Cf. Longenecker, “Acts,” 1981, 367.

irmã Berenice, o prefeito romano Festus, e os notáveis da cidade, durante a sua prisão em Cesareia (cf. 26,2-23).⁸³

Para este trabalho, usaremos o método exegético narrativo dos relatos da conversão de Paulo, tendo em consideração os contextos literários, o conteúdo, a forma e as suas variações.

2.1. At 9,1-19

J. Fitzmyer dá o título de «O Chamado de Paulo» a esta primeira narrativa. Para ele, o texto narra como Paulo, que se tornará o herói da segunda parte dos Atos, é transformado pelo próprio Cristo ressuscitado, mas seria errado interpretar esta transformação como uma conversão, pois em nenhum momento Lucas, o narrador, utiliza este vocabulário.⁸⁴

O argumento mais frequentemente apresentado pelos comentadores a favor de uma conversão vem da mudança de atitude de Saulo narrada em Atos 9, ele que tinha estado a lutar contra Jesus e os seus discípulos (vv. 1-2), mas depois do encontro com Jesus, ele anuncia imediatamente que é o Messias e Filho de Deus (vv. 20.22). A ausência do vocabulário de conversão não exclui uma presença do padrão de conversão. Embora Saulo não tenha mudado nem de Deus nem conduta moral, não se pode afirmar que houve uma conversão cognitiva, pois para o narrador dos Atos o vocabulário de conversão é religioso, isto é, deixar para trás os ídolos a fim de se voltar para o verdadeiro Deus, e/ou moral que consiste em deixar para trás uma vida de pecado a fim de viver segundo a vontade de Deus. Ao dizer que há uma conversão de outro tipo, uma conversão cognitiva, consiste em propor um padrão que não é do narrador.⁸⁵

A conversão de Saulo no caminho de Damasco faz parte de uma sequência que abre o capítulo 8 com a perseguição contra a Igreja em Jerusalém (cf. At 8, 1-3) que se segue ao martírio de Estevão, com o consentimento de Paulo. O movimento da diáspora cristã em Samaria estende-se até a conversão de Cornélio (cf. At 10), que inaugura o acesso a salvação dos não Judeus.⁸⁶ O relato de Lucas apresenta um jovem perseguidor (cf. At 7, 58-8, 3) e descreve um representante daqueles que ele dispersou (cf. 8, 4-40). Deus chama aquele que outrora era perseguidor para espalhar a mensagem para além da Judeia e cumprir o seu projeto

⁸³ Cf. Gnllka, *Paolo Di Tarso. Apostolo e Testimone*, 52.

⁸⁴ Aletti, “Can One Speak of a Conversion of Paul in the Book of Acts?,” 105.

⁸⁵ Cf. Aletti, 110.

⁸⁶ Cf. Jean-Noël Aletti, “Can One Speak of a Conversion of Paul in the Book,” *Studia Biblica Slovaca* 9, no. 1 (2017): 111.

divino (cf. At 26, 14).⁸⁷ Todavia, os Atos 9 encontra-se dentro de uma série de relatos de conversão. Por outras palavras, a «conversão» de Paulo figura-se entre a conversão de eunuco etíope e a de Cornelius.⁸⁸ O vocabulário de conversão é explicitamente utilizado em dois dos episódios: Pedro convida o mago Simão a converter-se «μετανοεῖν» (cf. At 8,22), e em At 11, depois de Pedro narrar o seu encontro com Cornélio aos judeus-cristãos de Jerusalém, que o censuraram por entrar nas casas dos incircuncisos e comer com eles, eles mudam de opinião e exclamam que também aos gentios Deus concede arrependimento «μετάνοια» (cf. At 11,18).⁸⁹

O motivo que leva Lucas a colocar a conversão de Paulo neste ponto da sua narrativa, não após a primeira conversão dos gentios (cf. At 8,26-40) mas imediatamente antes da missão judaica de Pedro (cf. At 9,32-43), que leva à conversão de Cornélio, aparentemente mais conhecida no movimento cristão inicial (cf. At 10,1-11,18), é que ocupa uma posição estratégica na lógica da narrativa da conversão do apóstolo aos gentios.⁹⁰

De acordo com Gnilka, a narrativa de conversão de At 9 baseia-se num padrão encontrado nas narrativas de conversão judaicas, especialmente na lenda de Heliodorus, que fora chanceler do rei da Síria Seleuco IV, acusado pelo rei da posse do tesouro do templo em Jerusalém. Ele tenta entrar no templo, porém é impedido por aparição de luzes celestiais e cai no chão rodeado de escuridão profunda. Posteriormente, Heliodorus não só renuncia à sua intenção, mas confessa-se pecador e promete anunciar a todos os homens a grandeza do lugar sagrado. Incapaz de se mover, ele é levado. Esta comparação sugere dependência do mesmo modelo para At 9 e talvez ela explica a característica particular de At 9, segundo a qual Paulo não vê Cristo, mas está meramente envolto numa luz celestial.⁹¹

Para este estudo teremos a estrutura quiástica apresentada por Keener:⁹²

A Uma conspiração de Paulo contra discípulos em Damasco (Actos 9,1-2).

B Paulo recebe uma visão, está cego, jejua (9,3-9).

C Ananias vê uma visão e é enviado a Paulo (9,10-14).

D Cristo prediz a missão de Paulo (9,15-16).

C' Ananias relata a visão a Paulo (9,17).

B' A visão de Paulo é restaurada; ele come (9,18-19a).

⁸⁷ Cf. Keener, *Acts. An Exegetical Commentary (3:1-14:28)*, 2:1597.

⁸⁸ Cf. Beverly Roberts Gaventa, *From Darkness to Light. Aspects of Conversion in The New Testament* (Philadelphia: Fortress, 1986), 66.

⁸⁹ Cf. Aletti, "Can One Speak of a Conversion of Paul in the Book," 111.

⁹⁰ Cf. Keener, *Acts. An Exegetical Commentary (3:1-14:28)*, 2:1597.

⁹¹ Cf. Margaret Edsall, "Religious Narratives and Religious Themes in the Novels of Achilles Tatius and Heliodorus," *Ancient Narratives 1* (2001): 121–27; Cf. Gnilka, *Paolo Di Tarso. Apostolo e Testimone*, 54.

⁹² Keener, *Acts. An Exegetical Commentary (3:1-14:28)*, vol. 2, n. 1626.

A' Paulo prega Cristo em Damasco, e membros da comunidade judaica conspiram para o matar (9,19-25).

2.1.1. Missão de Paulo (At 9, 1-2)

Lucas no início desta narrativa (At 9, 1-2) retoma a narrativa anteriormente suspensa em Atos 8, 3.⁹³ A linguagem «Saulo, respirando ainda ameaças de morte» (At 9, 1), que usa para expressar a forma como Paulo persegue os Cristãos, mostra uma certa violência o que de certo modo afasta Paulo dos valores apreendidos pelo seu Mestre que visava a precaução e a benevolência na administração da Justiça. A audácia de Paulo em se dirigir ao sumo Sacerdote é um claro exemplo do seu zelo pela perseguição aos Cristãos.⁹⁴ Paulo aparece aqui como autor principal da perseguição, visto que o sumo sacerdote, apenas se limitou a entregar-lhe carta de recomendação (cf. At 9, 2). Deste modo, é evidente o estatuto que detinha o jovem Paulo na cidade helenista (cf. At 22, 3; Fl 3, 5; Gl 1, 14).⁹⁵

Tanto a Samaria como também a Judeia, eram lugares propícios para a perseguição aos Cristãos, visto que eram lugares onde os Cristãos se dispersaram após o martírio de Estevão (cf. 8, 1) e onde também o evangelho estava a ser difundido por Filipe e pelos Apóstolos Pedro e João (cf. 8, 5-14ss). Ainda que a região de Damasco fosse desconhecida por Paulo, havia uma forte possibilidade de que nas encostas de Antioquia, conhecida como uma comunidade judaica, houvesse desde os primórdios uma pequena comunidade Cristã.⁹⁶

2.1.2. Teofania de Paulo (Atos 9, 3-6)

No caminho de Damasco Jesus aparece a Paulo sob a forma de uma luz brilhante (At 9, 3). Tanto neste primeiro relato (cf. At 9, 3) como no segundo relato (cf. At 22, 6) a luz aparece somente em volta de Paulo, deixando de parte os seus companheiros (cf. At 26, 13). A luz aparece sempre como um elemento primordial das teofanias.⁹⁷

A queda súbita de Paulo é uma resposta comum à revelação de Deus (cf. Ez 1, 28), dos Anjos (cf. Dn 8, 17) e a glória de Cristo (cf. Mt 17, 6; Ap 1, 17). Por outras palavras, diante de uma revelação divina, o prostrar-se por terra era um comportamento recorrente da parte de quem recebe a revelação. Por conseguinte, recebe o convite para não temer (cf. Ap 1, 17) ou a

⁹³ Cf. Roloff, *Hechos de Los Apostoles*, 201.

⁹⁴ Cf. Fernando, *Acts. The Niv Application Commentary*, 295–96.

⁹⁵ Cf. Keener, *Acts. An Exegetical Commentary (3:1-14:28)*, 2:1621–22.

⁹⁶ Cf. Richard N. Longenecker, “Acts,” in *The Expositor's Bible Commentary*, ed. Frank E. Gaebelein, vol. 9 (Grand Rapids: Zondervan, 1981), 367.

⁹⁷ Cf. Keener, *Acts. An Exegetical Commentary (3:1-14:28)*, 2:1630–31.

levantar-se (cf. Ez 2; Dn 8, 18; Mt 17, 7). Este episódio da queda de Paulo apoia a tese de que Paulo tenha recebido uma vocação profética.⁹⁸

A repetição do vocativo «Saulo, Saulo» (cf. At 9, 4) é uma forma recorrente que Deus utiliza para construir um diálogo nas teofanias bíblicas.⁹⁹ Nesta perspectiva, tanto no episódio de Abraão, quando se preparava para sacrificar o seu único filho (cf. Gn 22, 11), na renovação da promessa de Jacob (cf. Gn 46, 2), a aparição a Moisés na sarça ardente (cf. Ex 3, 4) ou aquando da vocação de Samuel (cf. Sm 3, 10).¹⁰⁰

A pergunta de Jesus «porque me persegues» (cf. At 9, 4) remete-nos para o episódio de Estevão, em que o próprio antes de sofrer o martírio interroga os seus oponentes e os acusa de perseguir os que anunciavam a vinda do Senhor (cf. At 7, 52).¹⁰¹ Ao fazer esta interrogação, Jesus denuncia com veemência a atividade persecutória de Paulo e confronta-o como o verdadeiro perseguido. Neste sentido, podemos salientar com base na tese de alguns exegetas que a atividade persecutória de Paulo não visava somente os seguidores de Jesus, mas o próprio Jesus (cf. Lc 10, 16; Mt 10, 40; 25, 40). Existe aqui uma unidade indissolúvel entre Jesus e os seus seguidores.¹⁰² Nas cartas aos Efésios e Colossenses, Paulo vai aprofundar esta dimensão da «união dos fiéis no próprio corpo de Cristo».¹⁰³

No entanto é necessário salientar que a pergunta que Jesus faz a Paulo (cf. At 9, 4) coloca-o num terreno neutro, pois Paulo sendo um fariseu zeloso (cf. Fl 3, 5) estava a defender Deus e as suas leis. Deste modo, Saulo com o seu zelo pela justiça, e a conceção de ter sido alcançado pela lei, agia contrariamente à lei de Deus, opunha-se a Deus.¹⁰⁴

2.1.3. Resposta à Teofania (At 9, 7-9)

Os companheiros de Paulo ouviram, mas não viram ninguém (cf. At 9, 7). Não obstante em At 22, 9 eles não puderam ouvir no sentido de «ouvir com compreensão».¹⁰⁵ Nesta perspectiva podemos salientar que os companheiros de Paulo fizeram uma experiência parcial da revelação do ressuscitado a Paulo. Neste sentido, poderão ser testemunhas da voz que falou

⁹⁸ Cf. Ballarini, *Paolo. Vita, Apostolato, Scritti*, 172; Cf. Keener, *Acts. An Exegetical Commentary (3:1-14:28)*, 2:1633.

⁹⁹ Cf. Roloff, *Hechos de Los Apostoles*, 202.

¹⁰⁰ Cf. Keener, *Acts. An Exegetical Commentary (3:1-14:28)*, 2:1634–35; Cf. Fernando, *Acts. The Niv Application Commentary*, 296.

¹⁰¹ Cf. Keener, *Acts. An Exegetical Commentary (3:1-14:28)*, 2:1633.

¹⁰² Cf. Roloff, *Hechos de Los Apostoles*, 203; Longenecker, “Acts,” 1981.

¹⁰³ Ballarini, *Paolo. Vita, Apostolato, Scritti*, 173.

¹⁰⁴ Cf. Keener, *Acts. An Exegetical Commentary (3:1-14:28)*, 2:1635–36; Longenecker, “Acts,” 1981.

¹⁰⁵ Cf. Keener, *Acts. An Exegetical Commentary (3:1-14:28)*, 2:1639.

a Paulo, mas não testemunhas daquele que se dispôs a falar e manifestar a Paulo. Assim sendo, trata-se de uma revelação que é dada exclusivamente a Paulo.¹⁰⁶ Como consequência, enquanto espera pelas instruções, fica três dias em Jejum, mas sem poder recuperar a visão. Não se tratava somente de sinais de penitência, mas também de preparação para o que estava para vir.¹⁰⁷

2.1.4. Ministério de Ananias

A mudança de cenário, introduz uma nova personagem, Ananias, um judeu de Damasco e seguidor de Jesus, a quem Deus se revelara através de uma visão (cf. At 9, 10) e o designou e encarregou de restabelecer a vista a Paulo (cf. At 9, 13). A resposta de Ananias «Estou aqui Senhor» e consequentemente o envio de Deus «levanta-te e vai» liga a missão de Ananias com a missão de Paulo.¹⁰⁸ A objeção de Ananias à missão que lhe foi confiada, é um procedimento tipicamente lucano (cf. Lc 1, 18-34). Não se tratava de uma missão fácil para Ananias, tendo em consideração tudo o que Paulo tinha feito aos Cristãos de Jerusalém e o que tinha planeado fazer em Damasco (At 9, 13-14).¹⁰⁹

No entanto essa objeção é superada por uma nova ordem «vai, porque este homem é para mim um instrumento de escolha para levar o meu nome a todas as nações pagãs» (At 9, 15).¹¹⁰ Deste modo, Jesus explica de forma eficiente a Ananias que lhe envia não por causa da missão anterior de Paulo, mas sim por causa de uma nova missão que lhe foi confiada (cf. At 9, 15).¹¹¹ Neste sentido, Paulo que até então era perseguidor dos Cristãos, torna-se por causa do «nome de Cristo» (cf. At 9, 16) membro da comunidade e consequentemente sofrerá perseguição. Aqui a expressão «levar o nome» significa precisamente estar sujeito ao batismo ao nome de Jesus Cristo, fazer profissão deste nome e por fim, manifestar de forma pública o seu credo perante todos.¹¹² Aquele que de antemão era perseguidor, agora é chamado para a sua missão no meio dos gentios como Profeta das nações assim como Jeremias (cf. Jr 1, 5).¹¹³ Um

¹⁰⁶ Cf. Santos Sabugal, *La Conversión de San Pablo* (Barcelona: Helder, 1976), 76–77; Cf. Gerhard Lohfink, *The Conversion of St. Paul. Narrative and History in Acts*, trans. Bruce J. Malina (Chicago: Franciscan Herald, 1976), 37; Cf. Charles W. Hedrick, “Paul’s Conversion/Call: A Comparative Analysis of the Three Reports in Acts,” *Journal of Biblical Literature* 100, no. 3 (1981): 423; Cf. Ballarini, *Paolo. Vita, Apostolato, Scritti*, 278.

¹⁰⁷ Cf. Sabugal, *La Conversión de San Pablo*, n. 77; Longenecker, “Acts,” 1981.

¹⁰⁸ Cf. Keener, *Acts. An Exegetical Commentary (3:1-14:28)*, vol. 2, nn. 1645–1646.

¹⁰⁹ Cf. Fernando, *Acts. The Niv Application Commentary*, nn. 299–300; Cf. Roloff, *Hechos de Los Apostoles*, n. 205.

¹¹⁰ Cf. Sabugal, *La Conversión de San Pablo*, n. 84; Cf. Walaskay, *Acts*, n. 96.

¹¹¹ Cf. Keener, *Acts. An Exegetical Commentary (3:1-14:28)*, vol. 2, n. 1657; Cf. Ballarini, *Paolo. Vita, Apostolato, Scritti*, n. 174.

¹¹² Cf. Roloff, *Hechos de Los Apostoles*, n. 206.

¹¹³ Cf. Keener, *Acts. An Exegetical Commentary (3:1-14:28)*, vol. 2, nn. 1655–1656.

outro ponto que aqui podemos sublinhar é que o sofrimento aqui é visto como consequência da adesão a Cristo e a sua missão.¹¹⁴

Na perspetiva de Longenecker «Lucas coloca ênfase na hesitação de Ananias, não só para humanizar a sua narrativa, mas também para imprimir aos leitores a magnitude da mudança de vida de *Saul* e destacar a natureza celestial da sua missão cristã: Que em vez de perseguidor, ele é um instrumento escolhido por Cristo; que em vez de uma preocupação apenas com Israel, a sua missão é levar o nome de Jesus aos gentios, seus reis e ao povo de Israel; e que em vez de glória, é necessário que ele sofra pelo nome de Jesus».¹¹⁵

2.1.5. Restauração de Saulo (At 17-19a)

As palavras proferidas por Ananias (cf. At 9, 17) confirma a sua crença na missão para a qual Deus o designou.¹¹⁶ Paulo é o destinatário da ação do Senhor que lhe concede não só a cura física, mas também o dom do Espírito Santo através da imposição das mãos por intermédio de Ananias.¹¹⁷ A receção do Espírito Santo é entendida aqui como o princípio da ação profética (cf. Lc 1, 15; At 2, 4; 13) que culmina com o batismo (cf. At 9, 18) e consequentemente configura Paulo com a Igreja de Cristo.¹¹⁸

Contudo é pertinente realçar que alguns exegetas duvidam do papel histórico de Ananias. O próprio Paulo afirma que recebeu a «revelação» diretamente de Cristo (cf. Gl 1, 12). Também Lucas no seu terceiro relato, omite o papel de Ananias (cf. At 26, 16-18), ao colocar Paulo em diálogo com Jesus na cena da «revelação». Não obstante é pertinente clarificar que a missão de Ananias não é de forma alguma «suplantar a revelação», mas sim confirmar a visão e administrar o batismo a Paulo.¹¹⁹

Posteriormente ao evento de Paulo no caminho de Damasco, Paulo inicia imediatamente a sua missão kerigmática, ou seja, anunciando o *Kerigma*. Paulo afirma que Jesus é o «filho de

¹¹⁴ Cf. Roloff, *Hechos de Los Apostoles*, n. 206; Cf. Keener, *Acts. An Exegetical Commentary (3:1-14:28)*, vol. 2, n. 299.

¹¹⁵ Longenecker, “Acts,” 1981.

¹¹⁶ Cf. Keener, *Acts. An Exegetical Commentary (3:1-14:28)*, 2:1660.

¹¹⁷ Cf. Roloff, *Hechos de Los Apostoles*, 206–7.

¹¹⁸ Cf. Ballarini, *Paolo. Vita, Apostolato, Scritti*, 175; Cf. Roloff, *Hechos de Los Apostoles*, 207; Cf. Sabugal, *La Conversión de San Pablo*, 84.

¹¹⁹ Cf. Keener, *Acts. An Exegetical Commentary (3:1-14:28)*, 2:1660–61.

Deus» (At 9, 19b-20). Esta afirmação pode ser compreendida a partir do carácter messiânico de Jesus.¹²⁰

¹²⁰ Cf. Ballarini, *Paolo. Vita, Apostolato, Scritti*, 175–76.

2.2. At 22

Neste segundo relato da «conversão de Paulo» (cf. At 22, 1-21) escrita por Lucas, encontramos praticamente as mesmas formas, o mesmo material da primeira narrativa da conversão de Paulo. Não obstante, encontramos de forma precisa a questão da visão que Paulo teve no templo (cf. At 22, 17-21) e a questão da fidelidade de Paulo às tradições judaicas e consequentemente as suas crenças. Veremos mais a frente no nosso trabalho que Paulo, perante o tribunal romano faz questão de afirmar a sua identidade cívica e religiosa (cf. At 22, 3). Paulo vai aqui mostrar que a experiência de Damasco e posteriormente o seu testemunho de Cristo, não o afastou do seu judaísmo.¹²¹

Este segundo relato da «conversão» de Paulo se insere no seu primeiro discurso de defesa em Jerusalém, lugar onde relatou o avanço do seu ministério entre os gentios. Contudo, Paulo foi severamente acusado de que a sua ação evangelizadora no meio dos gentios era um ataque ao templo, à lei de Moisés e consequentemente às tradições de todo o povo de Israel. É pertinente salientar aqui, que tais acusações dirigidas à Paulo, são da mesma ordem que recebeu Estevão (cf. At 6, 11-14) e posteriormente Jesus (cf. Mt 26, 61;27, 40). Com a revolta do Povo contra Paulo e os seus ensinamentos, o tribunal romano prendeu-o. Tendo-se apresentado diante do tribunal, como um Judeu, de Tarso, da Cilícia, Paulo pediu permissão para dirigir-se ao povo. É neste contexto do primeiro discurso de defesa de Paulo que Lucas coloca o segundo relato de conversão (At 21, 17-40).¹²²

Nos últimos tempos surgiram várias hipóteses acerca da estruturação do segundo relato da conversão de Paulo. Nesta perspetiva, Santos Sabugal, coloca a narrativa em Atos 22, 1-21 e subdivide em quatro seções, dando atenção à linguagem utilizada:¹²³

Saudação (22, 1-2)

Esboço bibliográfico (22, 3-5a)

Encontro de Paulo com Jesus (22, 5b-16)

Êxtase no templo de Jerusalém (22, 17-21)

Nesta mesma perspetiva, Fitzmyer coloca a narrativa em Atos 22,1-21 e subdivide em seguintes seções, tendo em conta os elementos retóricos encontrados no discurso paulino:¹²⁴

Saudação (22,1-2)

¹²¹ Cf. Roloff, *Hechos de Los Apostoles*, 428–38; Cf. Reymond, “Paul Sur Le Chemin de Damas (Ac 9; 22 et 26). Temps et Espace d’une Expérience,” 532.

¹²² Cf. Joseph A Fitzmyer, *The Acts of the Apostles* (New York: Doubleday, 1998), 696.

¹²³ Sabugal, *La Conversión de San Pablo*, 87.

¹²⁴ Fitzmyer, *The Acts of the Apostles*, 703.

A origem judaica de Paulo e o zelo pela sua atividade missionária (22,3-5a)

A missão de Paulo de perseguir os Cristãos (22,6-11)

A recepção de Paulo da parte de Ananias (22,12-16)

A visita de Paulo a Jerusalém com a missão de pregar aos gentios (22,17-21)

Estrutura quiástica, tendo em conta a narrativa do texto: At 22,3-21¹²⁵

A – Vinda de Paulo do mundo gentio para Jerusalém (22,3)

B – Paulo persegue os Cristãos (22,4-5a)

C – Paulo dirige-se de Jerusalém para Damasco (22,5b)

D – A visão de Paulo no caminho de Damasco (22,6-11)

E – Ananias restaura a visão de Paulo (22,12-13)

F - Ananias revela a Paulo a sua missão (22,14-15)

E – Ananias exorta Paulo a receber o batismo (22, 16)

D – Paulo tem uma visão em Jerusalém (22, 18a)

C – Paulo recebe instruções para deixar Jerusalém (22, 18b)

B – Paulo relata os seus dias como perseguidor (22, 19-20)

A – Paulo é enviado de Jerusalém aos gentios (22, 21)

Tendo em conta os diferentes esquemas acima apresentados, debruçar-nos-emos sobre o texto, assumindo a estrutura apresentada por Fitzmyer e pelas subdivisões que encontramos na estrutura de Kenner, pois, nos permite uma melhor compreensão do conjunto da narrativa. A estrutura apresentada por Fitzmyer advém da estrutura de Keener.

2.2.1. Paulo dirige-se à multidão (At 22, 1-2)

A construção frásica «Irmãs e Irmãos» proferidas por Paulo no início do seu discurso de defesa remete-nos para o discurso de Estevão (cf. At 7, 2) e evoca a acusação que o próprio recebeu e que o levou ao seu martírio (cf. At 21, 28). Esta construção de Paulo, mostra-nos a familiaridade que Paulo tem com o povo.¹²⁶ Por fim, o silêncio provocado em At 21, 40, ganha

¹²⁵ Craig S. Keener, *Acts. An Exegetical Commentary (15: 1-23:35)*, vol. 3 (Grand Rapids: Baker Academic, 2014), 3199.

¹²⁶ Cf. Sabugal, *La Conversión de San Pablo*, 88.

uma maior importância em At 22, 2 visto que Paulo dirige-se à multidão na sua própria língua vernácula.¹²⁷

2.2.2. Antecedentes zelosos e ortodoxos de Paulo (At 22, 3-5)

Perante os Judeus em Jerusalém, Paulo faz apelo às suas credenciais cívicas e religiosas, ou seja, Paulo dá o seu testemunho autobiográfico «Eu sou Judeu. Nasci na cidade de Tarso, da Cilícia (...) educado aos pés de Gamaliel, na tradição Judaica» (At 22, 3). Com este testemunho, Paulo deseja mostrar que não só teve uma prestigiosa formação farisaica sob a direção de Gamaliel, venerável mestre da sua época, como também mostrar que desde o princípio continuou sendo um judeu fervoroso e tendo como testemunhas da sua fidelidade a tradição o sumo sacerdote e os anciãos (cf. At 22, 4-5).¹²⁸

2.2.3. Encontro de Paulo com Jesus (At 22, 6-11)

O encontro de Paulo no caminho de Damasco chama-nos primeiramente a atenção para o tempo escolhido para executar a sua missão. O meio-dia era o tempo escolhido habitualmente para descansar e assim evitar o calor. Deste modo, Paulo revela o seu zelo e a urgência pela sua missão.¹²⁹ Paulo especifica que era por volta do «meio-dia» quando se viu envolto numa grande luz (cf. At 22, 6). Na perspectiva de Keener, a revelação do «meio-dia» une assim a visão de Pedro com a missão de Paulo (cf. 26, 13; 16-18; 22, 6-11).¹³⁰

Segundo Ferdinand Baur «o estranho brilho que ultrapassa o do sol do «meio-dia» que brilhou de forma repentina à volta do apóstolo e dos seus companheiros, não é outra coisa, senão, a expressão simbólica e mítica da certeza da presença real e imediata do glorioso, elevado à dignidade celestial».¹³¹

¹²⁷ Cf. Fernando, *Acts. The Niv Application Commentary*, 563; Cf. Roloff, *Hechos de Los Apostoles*, 431; Cf. Ballarini, *Paolo. Vita, Apostolato, Scritti*, 277; Keener, *Acts. An Exegetical Commentary (15: 1-23:35)*.

¹²⁸ Cf. Roloff, *Hechos de Los Apostoles*, 431-32; Cf. Fernando, *Acts. The Niv Application Commentary*, 563; Cf. Charles H Talbert, *Reading Acts. A Literacy and Theological Commentary on The Acts of the Apostles* (United States of America: Smyth & Helwys, 2005), 207; Cf. Sabugal, *La Conversión de San Pablo*, 90.

¹²⁹ Cf. Keener, *Acts. An Exegetical Commentary (15: 1-23:35)*, 3:3204.

¹³⁰ Cf. Keener, *Acts. An Exegetical Commentary (3:1-14:28)*, 2:1762; Cf. Fernando, *Acts. The Niv Application Commentary*, 563.

¹³¹ Ferdinand Christian Baur, *Paul the Apostle of Jesus Christ. His Life and Works, His Epistles and Teachings* (Massachusetts: Hendrickson, 2013), 72.

A queda de Paulo, é uma resposta comum à revelação de Deus (cf. Ez 1, 28), dos Anjos (cf. Dn 8, 17) e de Cristo (cf. Mt 17, 6; Ap 1, 17). Posteriormente recebem um convite para se levantarem (cf. Ez 2, 1; Dn 8, 18; Mt 17, 7) ou a não ter receio.¹³²

Nos Atos 22, 9-11 ao contrário do que sucedeu no cap. 9, os companheiros de Paulo viram a luz, mas não ouviram. Por outras palavras, os companheiros de Paulo tiveram uma revelação parcial, ou seja, fizeram a experiência dos fenómenos existentes ainda que não tenham compreendido nada. Deste modo, Lucas salienta de forma precisa que somente Paulo fez a experiência pessoal com Cristo ressuscitado no caminho de Damasco.¹³³

Esta revelação seletiva que nos descreve Lucas nos Atos 22, 9-11, vem desde os At 10, 40-41. Nesta perspetiva, Lucas revela que este diálogo no v. 10 tem lugar exclusivamente entre Jesus e Paulo.¹³⁴ Deste modo, Jesus atribui a Paulo o mesmo poder atribuído aos Doze apóstolos, pois, ele é exclusivamente reservado para aqueles que «viram e ouviram». A pergunta de Paulo a Jesus e conseqüentemente a resposta dada por Jesus remete-nos para a missão já anunciada exclusivamente a Paulo por intermédio de Ananias «o Deus de nossos Pais te predestinou para conheceres a sua vontade, veres o justo e ouvires a voz saída de sua boca» (At 22, 14).¹³⁵ Neste segundo relato, Lucas evidencia que a vocação e a missão de Paulo é atribuída a «Deus dos nossos Pais». Cabe realçar aqui a figura de Ananias, um conhecido pela sua devoção à lei e, mais que tudo, um profeta escolhido por Deus para revelar a Paulo a sua vocação de ir a todas as nações da terra (cf. At 22, 15).¹³⁶ Por outras palavras «conhecer a vontade de Deus» não é exclusivamente um convite endereçado somente aos Judeus, mas também aos gentios.¹³⁷

O ministério de Ananias termina com um convite dirigido a Paulo «recebe o batismo e lava-te dos teus pecados, invocando o seu nome» (At 22, 16). Paulo nas suas cartas faz referência também a esta relação que existe aqui entre o batismo e a libertação dos pecados (cf. Rm 6, 3-6; Cl 2, 12). Nos Atos 9, 17, Ananias revela que Paulo receberá uma visão e ficará cheio do Espírito Santo.¹³⁸

¹³² Cf. Keener, *Acts. An Exegetical Commentary (3:1-14:28)*, 2:1633.

¹³³ Cf. Hedrick, "Paul's Conversion/Call: A Comparative Analysis of the Three Reports in Acts," 423; Cf. Lohfink, *The Conversion of St. Paul. Narrative and History in Acts*, 37; Cf. Ballarini, *Paolo. Vita, Apostolato, Scritti*, 278; Keener, *Acts. An Exegetical Commentary (15: 1-23:35)*, 3:3230.

¹³⁴ Keener, *Acts. An Exegetical Commentary (15: 1-23:35)*, 3:3231.

¹³⁵ Sabugal, *La Conversión de San Pablo*, 93.

¹³⁶ Cf. Sabugal, 94.

¹³⁷ Keener, *Acts. An Exegetical Commentary (15: 1-23:35)*, 3:3232-3234.

¹³⁸ Cf. Heidi J. Hornik and Mikeal C. Parsons, *Acts of the Apostles. Through the Centuries* (Oxford: Wiley-Blackwell, 2017), 226; Cf. Roloff, *Hechos de Los Apostoles*, 434; Keener, *Acts. An Exegetical Commentary (15: 1-23:35)*, 3:3234-35.

2.2.4. Chamada de Paulo aos gentios (At 22,17-21)

Ao longo dos v. 17-21, Lucas nos fornece novos dados da experiência de Paulo no encontro com Jesus.¹³⁹ O v.17 abre com uma nova visão de Paulo, enquanto este estava em oração no templo em Jerusalém. A menção da oração no templo e a visão que Paulo teve de Jesus, mostra que Paulo efetivamente não se desvinculou daquilo que é o núcleo da vida religiosa de Israel. Em Gl 1, 17 sabemos que o período que separa a primeira visão de Paulo no caminho de Damasco até a segunda visão em Jerusalém é de 3 anos.¹⁴⁰ Paulo quis testemunhar em Jerusalém, pois o Senhor o enviou a todas as nações (cf. At 22, 15) mas a sua mensagem foi rejeitada (cf. At 22,18).¹⁴¹

Na perspectiva de Roloff «Se há alguém capaz de levar a mensagem de salvação ao povo de Israel, teria de ser precisamente aquele que demonstrou o seu incontestável judaísmo, até ao ponto de ter sido um perseguidor de cristãos; a sua própria vida seria o testemunho mais válido a favor da ideologia que defende. Se os judeus não derem ouvidos ao antigo perseguidor do cristianismo, a quem darão eles ouvidos. Como auge da sua atividade perseguidora, Paul menciona o papel que desempenhou na lapidação de Estêvão (7,58)».¹⁴²

Paulo insiste em reafirmar a credibilidade do seu testemunho de Cristo em Jerusalém. Paulo refere ao martírio de Estêvão, como aquele que foi testemunha de Jesus não só diante dos juízes como pelo seu sangue derramado. A resposta de Jesus à objeção de Paulo é clara «Vai, porque é para os gentios, para longe, que quero enviar-te».¹⁴³

¹³⁹ Cf. Talbert, *Reading Acts. A Literacy and Theological Commentary on The Acts of the Apostles*, 192.

¹⁴⁰ Cf. Ballarini, *Paolo. Vita, Apostolato, Scritti*, 279.

¹⁴¹ Keener, *Acts. An Exegetical Commentary (15: 1-23:35)*, 3:3236.

¹⁴² Roloff, *Hechos de Los Apostoles*, 434.

¹⁴³ Cf. Ballarini, *Paolo. Vita, Apostolato, Scritti*, 279; Cf. Walaskay, *Acts*, 204; Keener, *Acts. An Exegetical Commentary (15: 1-23:35)*, 3:3238.

2.3. At 26

O terceiro relato da conversão de Paulo, inicia-se com o discurso de Paulo perante o rei Agripa. Entretanto, contrariamente ao que sucede nos outros dois relatos de «conversão» Paulo aparece não como aquele que vem para se defender da acusação que lhe foi instaurada, mas sim aparece como testemunha da sua própria defesa, mais concretamente como testemunha da ressurreição de Cristo.¹⁴⁴ Deste modo, Lucas descreve Paulo, que até então era conhecido como um zeloso perseguidor dos Cristãos, como um «instrumento escolhido» por Cristo através da sua «revelação» no caminho de Damasco para levar o seu nome entre os gentios, reis, e a todas as nações da terra (cf. At 9, 15; 13, 5; 17, 1-10; 23, 6; 25, 23-26, 22).¹⁴⁵

Nos últimos tempos surgiram inúmeras hipóteses de estruturas sobre o terceiro relato da conversão de Paulo. Segundo Michel Quesnel, este relato sugere a seguinte estrutura retórica:¹⁴⁶

Exordium (At 26, 2-3)

Refutatio (At 26, 4-8)

Narratio (At 26, 9-18)

Propositio (At 26, 19-20)

Peroratio (At 26, 21-23)

No entanto, Joseph Fitzmyer divide o terceiro relato em três partes:¹⁴⁷

I. Crença judaica e farisaica de Paulo (At 26, 2-3)

II. Perseguição de Paulo e a sua conversão (At 26, 9-18)

III. Testemunho de Paulo sobre o Jesus, o Messias (At 26, 19-23)

Por conseguinte, Keener sugere o seguinte esboço quiástico:¹⁴⁸

A. Agripa sente-se familiarizado com os costumes judaicos (At 26, 2-3a)

¹⁴⁴ Cf. Craig S. Keener, *Acts. An Exegetical Commentary (24: 1-28: 31)*, vol. 4 (Grand Rapids: Baker Academic, 2015), 3491–92.

¹⁴⁵ Cf. Fitzmyer, *The Acts of the Apostles*, 753–54.

¹⁴⁶ Keener, *Acts. An Exegetical Commentary (24: 1-28: 31)*, 4:3493.

¹⁴⁷ Fitzmyer, *The Acts of the Apostles*, 754.

¹⁴⁸ Keener, *Acts. An Exegetical Commentary (24: 1-28: 31)*, 4:3492-93.

B. Paulo solicita uma audiência e fala da formação Farisaica (At 26, 3b-5)

C. Paulo defende a fé na ressurreição de Cristo (cf. At 26, 6-8)

D. Paulo persegue os Cristãos (At 26, 9-11a)

E. Fê-lo em cidades estrangeiras e Damasco (At 26, 11b-12a)

F. Tinha autoridade do sacerdote superior; ele viu uma luz (At 26, 12b-13).

G. Caíram todos e Cristo disse “Porque me persegues” (At 26, 14-15a)

H. Jesus revelou-se (At 26, 15b)

G’. Foi lhe dito para permanecer em pé; Cristo prometeu uma proteção (At 26, 16-17a)

F’. Cristo atribuiu a Paulo a autoridade para conduzir os gentios a Luz (At 16, 17b-18)

E’. Paulo pregou em Damasco e entre os Gentios (At 26, 19-20)

D’. Os judeus perseguiram Paulo, mas Deus protegeu-o (At 26, 21-22a)

C’. Moisés e os profetas profetizaram a morte e a ressurreição de Jesus (At 26, 24-25)

B’. Festus fica impaciente e interrompe Paulo, escarnecendo do seu conhecimento (At 26, 24-25)

A’. Agripa compreende (26, 26a)

Para comentário assumimos a estrutura apresentada por Keener, baseado nos elementos da retórica, num estilo elegante que se aproxima da linguagem dos provérbios gregos.

2.3.1. Antecedentes de Paulo (At 26, 4-5)

Paulo recorre uma vez mais às suas credenciais cívica e religiosa ao sublinhar que o seu zelo farisaico era conhecido em Jerusalém, onde viveu a maior parte da sua vida, até ao encontro

com Cristo no evento de Damasco.¹⁴⁹ O facto de Paulo mencionar pela segunda vez as suas credenciais cívica e religiosa, serve para enfatizar as suas raízes judaicas em Jerusalém e conseqüentemente a sua educação farisaica, o servirá depois para a sua argumentação perante o rei Agripa.¹⁵⁰ Com a sua apresentação biográfica e menção das testemunhas que provam a veracidade da sua procedência em Jerusalém, o seu discurso torna-se credível perante o rei Agripa, visto que se tratava de uma autoridade da religião judaica.¹⁵¹

2.3.2. O motivo de julgamento de Paulo: crença na fé judaica (At 26, 6-8)

A conceção de promessa mencionada por Paulo no seu discurso faz uma clara referência à promessa feita aos nossos antepassados (At 3, 25-26; At 26, 6) que é precisamente a esperança na ressurreição dos mortos, um evento escatológico que as «doze tribos de Israel» esperam incessantemente e que se traduz na «restauração de Israel» (cf. At 26, 8; Ez 37, 12-14; Dn 12, 1-2) tendo Cristo ressuscitado como fundamento.¹⁵² A tradição judaica tem a crença nessa esperança e Paulo também a partilha e espera vê-la cumprida. Lucas relaciona esta promessa com o dom do espírito (cf. Lc 24, 49; At 1, 4; 2, 33) e com a vinda de Jesus como Messias (cf. At 2, 39; 13, 23).¹⁵³

Nesta perspectiva, a razão da condenação de Paulo traduz-se num problema, visto que Paulo foi acusado pelos líderes de uma nação que na sua grande maioria partilhava a mesma esperança (At 26, 6) e assim como Paulo eram fiéis a esta mesma esperança, que é a ressurreição dos mortos (cf. At 22, 8).¹⁵⁴ Por outras palavras, Paulo vai provar que a sua pregação sobre o Cristo ressuscitado não difere de modo algum da crença dos ancestrais de Israel.¹⁵⁵ Deste modo, Paulo prova que a esperança judaica e a mensagem cristã estão inseparavelmente relacionadas.¹⁵⁶

¹⁴⁹ Cf. Talbert, *Reading Acts. A Literacy and Theological Commentary on The Acts of the Apostles*, 207; Cf. Fitzmyer, *The Acts of the Apostles*, 31:756; Keener, *Acts. An Exegetical Commentary (24: 1-28: 31)*, 4:3495.

¹⁵⁰ Cf. Roloff, *Hechos de Los Apostoles*, 468-69.

¹⁵¹ Cf. Ballarini, *Paolo. Vita, Apostolato, Scritti*, 269; Cf. Gaventa, *From Darkness to Light. Aspects of Conversion in The New Testament*, 77; Cf. Fitzmyer, *The Acts of the Apostles*, 31:756; Keener, *Acts. An Exegetical Commentary (24: 1-28: 31)*; Longenecker, "Acts," 552.

¹⁵² Cf. Roloff, *Hechos de Los Apostoles*, 469; Cf. Fitzmyer, *The Acts of the Apostles*, 31:757; Keener, *Acts. An Exegetical Commentary (24: 1-28: 31)*, 4:3499-3501.

¹⁵³ Cf. Gaventa, *From Darkness to Light. Aspects of Conversion in The New Testament*, 80.

¹⁵⁴ Cf. Ballarini, *Paolo. Vita, Apostolato, Scritti*, 296-97; Keener, *Acts. An Exegetical Commentary (24: 1-28: 31)*, 4:3502.

¹⁵⁵ Cf. Fitzmyer, *The Acts of the Apostles*, 757.

¹⁵⁶ Cf. Longenecker, "Acts," 1981, 552.

Paulo aproveita as tensões religiosas e teológicas entre os dois grupos religiosos (Saduceus e Fariseus) e faz referência ao motivo da sua condenação (cf. At 26, 6). Os fariseus colocaram-se no lado de Paulo, não só porque estariam a defender os interesses religiosos e teológicos dos Saduceus, que rejeitavam todas as doutrinas alusivas à realidade sobrenatural e neste caso específico a ressurreição dos mortos, mas também porque a revelação de Jesus a Paulo, poderá ser uma prova de que a crença nos anjos e nos espíritos (realidade sobrenatural rejeitada pelos saduceus) poderá ser uma doutrina com fundamentos teológicos e atestam Paulo inocente (cf. At 23, 6-9).¹⁵⁷

2.3.3. Perseguidor dos Cristãos (At 26, 9-11)

Paulo reconhece que outrora teve a mesma atitude que agora tem os seus opositores. Descreve de forma incisiva como perseguia os cristãos não só em Jerusalém, mas também em outras cidades, de forma que a pregação e a crença na ressurreição de Cristo não se propagassem (cf. At 26, 9-11).¹⁵⁸ Esta luta de Paulo contra os cristãos, tinha como intuito a purificação de Jerusalém de toda a «heresia», por isso forçou-os a negarem a fé e ao mesmo tempo dava autorização para a execução dos cristãos. A reputação de Paulo como inimigo dos cristãos remonta ao próprio Apóstolo, que já ligava o compromisso farisaico ao fanatismo destrutivo (cf. Gl 1:13; Fil 3:5).¹⁵⁹

2.3.4. A missão divina de Paulo (At 26, 12-18)

O discurso de Paulo centra-se no seu encontro com Jesus ressuscitado. (cf. At 26, 12). Paulo volta a realçar que agiu em conformidade com as orientações do sumo sacerdote (cf. At 26, 12) o que não sucede no primeiro relato, onde ele mesmo toma posição de ir solicitar a permissão para se dirigir a Damasco (cf. At 9, 1-2). Aqui Paulo menciona uma vez mais o tempo em que ocorreu a visão «meio-dia» (cf. At 26, 13; 22, 6). O tempo escolhido por Paulo para executar a sua missão, revela o zelo pela missão que exercia, visto que era um tempo escolhido para descansar, sendo que se fazia muito calor.¹⁶⁰

Envolvidos numa luz intensa Paulo afirma que todos caíram por terra, mas somente ele ouviu uma voz em língua hebraica (cf. At 22, 13-14). Nos relatos anteriores os companheiros de Paulo não estiveram envoltos na luz e por conseguinte não caíram (cf. At 9, 3; 22, 6). Esta

¹⁵⁷ Cf. Roloff, *Hechos de Los Apostoles*, 439–40; Cf. Ballarini, *Paolo. Vita, Apostolato, Scritti*, 282.

¹⁵⁸ Cf. Fernando, *Acts. The Niv Application Commentary*, 595; Cf. Ballarini, *Paolo. Vita, Apostolato, Scritti*, 296–97; Cf. Longenecker, “Acts,” 1981, 552..

¹⁵⁹ Cf. Roloff, *Hechos de Los Apostoles*, 470.

¹⁶⁰ Cf. Gaventa, *From Darkness to Light. Aspects of Conversion in The New Testament*, 82; Cf. Keener, *Acts. An Exegetical Commentary (24: 1-28: 31)*, 4:3512.

reação é uma resposta às revelações divinas (cf. Dn 8, 17; Mt 17, 6; Ap 1, 17). Outro dado curioso é a menção da língua semita, utilizada por Jesus e que não aparece nos outros relatos (cf. At 9, 4; 22, 7), o que mostra que foi utilizado em benefício do Rei Agripa, e de toda a audiência de forma a preparar-lhes os ouvidos para ouvirem o nome aramaico «Saul».¹⁶¹

2.3.5. Paulo como Testemunha (At 26, 16-18)

O anúncio da missão de Paulo acontece logo a seguir a revelação de Paulo no caminho de Damasco. A expressão «Eu apareci» atribui-se a um termo técnico para uma experiência de revelação (cf. Lc 1, 11; 22, 43; At 7, 2-30).¹⁶² Esta sequência dos acontecimentos, omite o papel que até então era atribuído a Ananias (cf. At 9, 15; 22, 12) e coloca Jesus a falar diretamente a Paulo o que torna patente de que a vocação e a conversão de Paulo aconteceram em simultâneo (cf. Gl 1, 13-16).¹⁶³ As palavras reveladoras de Jesus dirigidas na primeira pessoa a Paulo contêm uma tonalidade profética «constituir-te servo e testemunha» (cf. At 26, 16).¹⁶⁴

A grande mudança no relato do evento de Damasco é a declaração feita pelo próprio Ressuscitado «constituir-te servo e testemunha da visão na qual me viste e daquelas nas quais ainda te aparecerei» (At. 26, 16). Cada um dos termos tem uma relevância particular. O verbo que descreve a aparição “*ophthên*” é o mesmo que foi usado nos primeiros relatos das aparições do Ressuscitado (1 Cor 15:5ss; Lc. 24:34). A diferença é que o verbo está na primeira pessoa, não na terceira “*ophthe*”. As expressões: "servo" “*hiperetes*” (cf. Lc 1,2) e, sobretudo, «testemunha» “*martyr*” (cf. At. 1,8; Lc. 24,48), são os termos preferidos de Lucas para expressar a função do grupo dos Doze. Podemos ver que Lucas identifica o ministério de Paulo com o dos "doze apóstolos". Tal como eles, Paulo é um testemunho autorizado de Jesus e o portador da Boa Nova do Evangelho.¹⁶⁵

O encontro de Paulo com o ressuscitado não foi necessariamente uma experiência exclusivamente mística interna, nem foi privada. Foi uma revelação e um envio aos gentios. Para exercer a sua vocação de apóstolo universal, tornou-se pregador do evangelho. Vocação

¹⁶¹ Cf. Daniel Marguerat, *Les Actes Des Apôtres (13-28)* (Genève: Labor et Fides, 2015), 336; Cf. Fitzmyer, *The Acts of the Apostles*, 31:758; Cf. Keener, *Acts. An Exegetical Commentary (24: 1-28: 31)*, 4:3512-3513.

¹⁶² Cf. Gaventa, *From Darkness to Light. Aspects of Conversion in The New Testament*, 83.

¹⁶³ Cf. Keener, *Acts. An Exegetical Commentary (24: 1-28: 31)*, 4:3516.

¹⁶⁴ Cf. Fitzmyer, *The Acts of the Apostles*, 759.

¹⁶⁵ Cf. Roloff, *Hechos de Los Apostoles*, 471-72; Cf. Gaventa, *From Darkness to Light. Aspects of Conversion in The New Testament*, 83-84.

(*kalesas*), revelação (*apokalypsai*) e missão (*hina euaggelizomai ... tois ethnesin*) formam assim uma unidade inseparável na vida de Paulo.¹⁶⁶

A nova identidade de Paulo é-lhe atribuída, «servo e testemunha» (v. 16). Jesus revela deste modo a sua mensagem a Paulo. Paulo realça que viu Cristo à sua volta. É aqui que se sente chamado. O servo é o homem encarregado de um serviço, o agente de outro. Neste sentido o termo «servo ou ministro» aqui é conjugado com a ideia de testemunho.¹⁶⁷ São Lucas fala das testemunhas oculares que se tornaram «servas da palavra» (cf. Lc 1,2). Paulo aqui é chamado a ser um servo, isto é, uma testemunha. Este é o grande título que é atribuído a Paulo nesta passagem. Um título apostólico que está alinhado com os Doze.¹⁶⁸ A missão de Paulo, segundo Lucas, tem uma projeção universal. Ele não deve apenas dar testemunho aos pagãos (cf. Gl 1,16), mas a todos os homens (cf. At. 22,15). O seu testemunho ressoará na linha da sucessão histórico-salvífica: «primeiro os judeus, depois os pagãos» (cf. At. 22,17ss). Tal como Cristo abriu os olhos de Paulo, a partir de agora ele terá de abrir os olhos dos outros através da sua pregação. O acontecimento de Damasco não se pode limitar ao caso particular de Paulo, mas deve estender-se a todos os homens, a fim de os transformar a todos.¹⁶⁹

Esta luz anunciada por Paulo faz parte não só da sua experiência, mas também da sua missão (cf. At 26, 18), outrora confiada ao Profeta Isaías (cf. Is 42, 7).¹⁷⁰ Deste modo, podemos salientar que a Luz que transformou Paulo no caminho de Damasco (cf. At 26, 13) é agora a mesma luz que ele é chamado a dar a conhecer não só aos Judeus, mas também aos gentios (cf. At 26, 18).¹⁷¹

Não obstante é necessário salientar que os termos «luz e trevas» estão relacionados com a conversão, mudança de atitude, «Mas vós sois uma raça eleita, um sacerdote real, uma nação santa, o povo de sua particular propriedade, a fim de que proclameis as excelências daquele que vos chamou das trevas para a luz maravilhosa» (1 Pe 2, 9).¹⁷²

¹⁶⁶ Cf. Sabugal, *La Conversión de San Pablo*, 17.

¹⁶⁷ Cf. Keener, *Acts. An Exegetical Commentary (24: 1-28: 31)*, 4:3518-19.

¹⁶⁸ Cf. Ballarini, *Paolo. Vita, Apostolato, Scritti*, 297-98.

¹⁶⁹ Cf. Roloff, *Hechos de Los Apostoles*, 471-72.

¹⁷⁰ Cf. Fitzmyer, *The Acts of the Apostles*, 31:760; Keener, *Acts. An Exegetical Commentary (24: 1-28: 31)*, 4:3519-22.

¹⁷¹ Keener, *Acts. An Exegetical Commentary (24: 1-28: 31)*, 4:35-26.

¹⁷² Gaventa, *From Darkness to Light. Aspects of Conversion in The New Testament*, 86.

2.3.6. *Evangelho de Paulo (At 26, 19-23)*

Paulo dá a conhecer ao rei Agripa a sua obediência à visão celeste (cf. At 26, 19). Tendo em conta as suas credencias cívicas e religiosa marcada pelo seu zelo, não é surpreendente esta resposta positiva de Paulo à chamada divina do Pai.¹⁷³ A igual que Paulo, não só o próprio Jesus obedeceu a chamada divina do Pai (cf. Lc 3, 21-22), como também Pedro obedeceu a uma visão celestial (cf. At 11, 5).¹⁷⁴ Aliás, por causa da sua obediência e o cumprimento da sua missão entre os gentios e os judeus (cf. At 26, 20) tentaram matá-lo (cf. At 26, 21).¹⁷⁵ Aqui podemos ver que Paulo não só obedeceu a visão celeste como também cumpriu a sua promessa, o que foi motivo de perseguição. Inverte aqui os papeis, visto que outrora Paulo fora um perseguidor dos cristãos pelas mesmas razões.¹⁷⁶

O testemunho de Paulo está relacionado com a missão apostólica relatada no livro dos Atos. Paulo testemunha Jesus no tribunal porque faz parte do desígnio que recebeu de Cristo (cf. At 26, 15), assim como o testemunho aos mais pequeninos do reino. O testemunho de Paulo está relacionado com o testemunho deixado por Moisés e pelos profetas (cf. At 26, 22-23) ou seja, a mensagem de Paulo é a mesma que outrora revelou Moisés e os Profetas.¹⁷⁷ Nesta perspetiva, Keener afirma que a missão de Paulo é efetivamente a extensão da missão do próprio Cristo. Deste modo, a missão de Paulo segue a missão de Jesus, uma luz para os gentios (cf. Lc 2, 32) e tal como Jesus, Paulo encarna a missão do servo que sofre.¹⁷⁸

Na perspetiva de J. Roloff, «Jesus é o cumprimento de todas as esperanças, tem que ser anunciado como luz a todas as nações (...) Com a sua própria vida, fez-se possível a transformação de Israel no povo eleito de Deus. Com as suas prescrições providenciou a vinculação dos pagãos a esse novo Povo. Em todo este processo, Paulo foi um instrumento do ressuscitado».¹⁷⁹

¹⁷³ Cf. Fitzmyer, *The Acts of the Apostles*, 760.

¹⁷⁴ Keener, *Acts. An Exegetical Commentary (24: 1-28: 31)*.

¹⁷⁵ Cf. Ballarini, *Paolo. Vita, Apostolato, Scritti*, 299; Cf. Roloff, *Hechos de Los Apostoles*, 473; Keener, *Acts. An Exegetical Commentary (24: 1-28: 31)*, 4:3530.

¹⁷⁶ Cf. Gaventa, *From Darkness to Light. Aspects of Conversion in The New Testament*, 87.

¹⁷⁷ Cf. Gaventa, 87; Cf. Fitzmyer, *The Acts of the Apostles*, 761; Keener, *Acts. An Exegetical Commentary (24: 1-28: 31)*, 4:3531.

¹⁷⁸ Keener, *Acts. An Exegetical Commentary (24: 1-28: 31)*, 4:3531.

¹⁷⁹ Cf. Roloff, *Hechos de Los Apostoles*, 473-74.

2.3.7. O desejo de Paulo de converter a sua audiência (At 26, 24-29)

A partir de At 26, 24 notamos claramente uma interrupção no discurso de Paulo. Não se trata somente de uma técnica de Lucas para dar espaço às reações dos seus ouvintes.¹⁸⁰ Neste sentido, o anúncio da ressurreição de Cristo (At 26, 22-23) levou Festus a designar Paulo de louco. É pertinente salientar que, os Apóstolos de Jesus também foram considerados de bêbados quando anunciaram Cristo ressuscitado. A revelação de alguma experiência Cristã era classificada como uma loucura (cf. At 12, 15).¹⁸¹

Paulo aponta para o rei Agripa, como testemunho da veracidade das suas reivindicações sobre as referidas questões de ordem judaica, conhecidas pelo rei Agripa (cf. At 26, 26). Para Paulo, acreditar nos Profetas, significa acreditar também naquele que o enviou a testemunhá-lo. Paulo dá testemunho de Jesus diante dos seus ouvintes (At 26, 29). Ele quer que os ouvintes sejam como ele no seguimento de Cristo.¹⁸²

O julgamento que se destinava fornecer acusações contra Paulo, resultou na sua absolvição (cf. At 26, 30-31).¹⁸³ Lucas enfatiza que a dispensa de Paulo de todas as acusações foram da responsabilidade das autoridades, com Agripa a sublinhar a sua repulsa quanto ao facto de Paulo ter ainda que recorrer ao imperador.¹⁸⁴ Os discursos da defesa de Atos 22 e 26 encerram com este veredicto final relevante de que Paulo efetivamente não é digno de morte ou prisão.¹⁸⁵

Na perspetiva de Fitzmyer, este terceiro relato de «conversão» de Paulo caracteriza-se por uma linguagem retórica. Percebe-se que o papel mediador de Ananias está oculto, o que coloca Jesus não só como aquele que «converte» Paulo, mas que também o designa para a sua missão. A Paulo é lhe atribuído o papel de «Profeta» ao contrário dos Atos 9 em que aparece como «o escolhido por Deus» e os Atos 22 como «testemunha». Este discurso não é somente um discurso de defesa, mas também em grande medida um discurso de defesa do cristianismo na sua íntima relação com o judaísmo. Deste modo, Paulo é um «Profeta», porta-voz daquele que se lhe revelou.¹⁸⁶

¹⁸⁰ Cf. Roloff, 474.

¹⁸¹ Keener, *Acts. An Exegetical Commentary (24: 1-28: 31)*, 4:3536.

¹⁸² Cf. Ballarini, *Paolo. Vita, Apostolato, Scritti*, 299; Keener, *Acts. An Exegetical Commentary (24: 1-28: 31)*, 4:3544.

¹⁸³ Keener, *Acts. An Exegetical Commentary (24: 1-28: 31)*, 4:3548-49.

¹⁸⁴ Cf. Ballarini, *Paolo. Vita, Apostolato, Scritti*, 300; Cf. Roloff, *Hechos de Los Apostoles*, 475.

¹⁸⁵ Keener, *Acts. An Exegetical Commentary (24: 1-28: 31)*, 4:3551.

¹⁸⁶ Cf. Fitzmyer, *The Acts of the Apostles*, 755.

As narrativas do Livro dos Atos sobre a «conversão» de Paulo no caminho de Damasco caracterizam-se por ser uma narrativa vocacional. Deste modo, não se trata de uma mudança de religião, mas sim um aperfeiçoamento nas atitudes e nas práticas no seio do seu judaísmo. Em Lucas, Paulo, apóstolo, cumpre o seu chamado de levar o evangelho a todas as nações.¹⁸⁷

2.4. Gl 1,6.11-17

Além dos outros relatos deste acontecimento no NT, no livro dos Atos (22,4-16 e 26,9-18) que já estudamos, aqui iremos nos debruçar sobre a própria recordação de Paulo que ele registou na sua carta aos Gálatas (1,11-24).¹⁸⁸ A narrativa lucana inclui mais detalhes em relação ao de Paulo, uma vez que está a escrever narrativa histórica em vez de exemplos narrativos em epístolas, no entanto, as suas afirmações são confirmadas em numerosas passagens dos próprios escritos paulinos. Lucas afirma que Jesus revelou-se a Paulo inesperadamente perto de Damasco e chamou-o a pregar aos gentios; Paulo faz as mesmas afirmações (cf. 1 Cor 11,23), ele recebeu o seu evangelho através de uma revelação de Jesus Cristo (Gl 1,11-12) e noutras passagens paulinas (1 Cor 9,1; 15,8). Paulo não solicita esta revelação, ela veio livremente pela graça divina (cf. Gl 1,15), além disso, vem no contexto da sua chamada a pregar entre os gentios (cf. Gl 1,15-16; cf. At 9,15; 26,20), no período em que ele, Paulo, perseguia os cristãos. O próprio Paulo afirma ter experimentado uma revelação de Cristo (cf. Gl 1,12.16; cf. At 22,6-7; At 26,13-14).¹⁸⁹

Ao longo das suas epístolas «autorais» não encontramos nenhum fragmento de Paulo sobre a sua conversão.¹⁹⁰ Não obstante, encontramos alguns fragmentos onde Paulo fala de revelação, vocação, eleição e missão. Esses termos aparecem no epistolário paulino de forma interligada.¹⁹¹

Neste sentido, a vocação de Paulo dentro deste contexto segue um esquema claro: a) Paulo anunciou o Evangelho aos Gálatas, tendo sido um êxito; b) O Evangelho foi aceite no meio de toda a comunidade com ardor e dedicação, tendo em conta que com a partida de Paulo,

¹⁸⁷ Cf. José Augusto Ramos, “Paulo de Tarso. A Conversão Como Ato Hermenêutico,” in *Paulo de Tarso. Grego e Romano, Judeu e Cristão*, ed. José Augusto Ramos et al., 1ª (Coimbra: Centros de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra, 2012), 58.

¹⁸⁸ Cf. Walaskay, *Acts*, 90.

¹⁸⁹ Cf. Keener, *Acts. An Exegetical Commentary (3:1-14:28)*, 2:1598.

¹⁹⁰ Cf. Capes, Reeves, and Richards, *Rediscovering Paul. An Introduction to His World, Letters and Theology*, 86.

¹⁹¹ Cf. Joel Antônio Ferreira, “A Vocação de Paulo Em Gálatas,” *Revista Pistis Praxis* 5, no. 2 (2013): 425–41.

toda a comunidade prosseguiu com alegria a transmissão do Evangelho; c) No entanto apareceram os «Judaizantes» anunciando um Evangelho baseado na lei, diferente daquele que Paulo outrora tinha anunciado ao seu Povo; d) alguns aderiram ao Evangelho anunciado pelos «Judaizantes» e os seguidores de Paulo mantiveram fieis a pregação do Apóstolo; e) Paulo recebeu informações sobre as divisões e tensões originadas no seio da comunidade, tendo ficado assim inconformado com tal acontecimento; f) redigiu a carta aos gálatas.¹⁹²

O evento de Paulo no caminho de Damasco, concretamente a sua visão teofânica, confere-lhe o estatuto de Apóstolo (cf. 1 Cor 9,1; 15,8; At 22,14). Paulo dá testemunho de Cristo ressuscitado, porque recebeu uma revelação, um chamamento ao apostolado, não por mediação humana, mas sim diretamente de Cristo ressuscitado Gl 1,1; 2,7; Rom 1,1; 1Cor 1,1. A menção de «Jesus Cristo e Deus Pai» significa essencialmente que Paulo tornou-se apóstolo através do encontro com Cristo que lhe apareceu numa visão teofânica, que por sua vez realizada por Deus Pai, que O ressuscitou dos mortos.¹⁹³

Nesta perspetiva, Paulo dá a conhecer a origem divina do seu apostolado. Por outras palavras, o Evangelho por ele anunciado, é exclusivamente divino, ou seja, não tem qualquer mediação humana, nem foi ensinada ou recebida pela tradição, mas foi-lhe revelado por Jesus.¹⁹⁴ Na perspetiva do autor, a revelação aqui mencionada em Gl 1,11-12 esta ligada a revelação de Paulo em Gl 1,16 e conseqüentemente a sua atividade evangelizadora em Gl 1,17.¹⁹⁵ No entanto, na perspetiva de alguns autores, as Cristofanias a Paulo não acontecem ao mesmo tempo que a sua aceitação de Jesus como o Messias. Daí que nas cartas de Paulo não encontramos uma relação com a sua em Cristo, pois, o conteúdo das Cristofanias estão relacionados com o apostolado e a missão de Paulo junto dos gentios.¹⁹⁶

A referência que Paulo faz da sua antiga forma de viver parece entrar no próprio dinamismo da sua pregação (cf. Gl 1, 13-14; 1 Cor 15, 8-10; Fl 3, 6). Paulo refere primeiramente a sua perseguição a Igreja de Deus, entendida como sendo a Igreja de Jerusalém (cf. At 8, 3),

¹⁹² Cf. Ferreira, 426–27.

¹⁹³ Cf. Ronald Y. K. Fung, *The Epistle to the Galatians* (Grand Rapids, MI: William B. Eerdmans, 1988), 35–37; Cf. Sanders, *Paul. The Apostle's Life, Letters and Thought*, 477; Cf. Barbaglio, *Pablo de Tarso y Los Origenes Cristianos*, 2:71.

¹⁹⁴ Cf. Ramos, “Paulo de Tarso. A Conversão Como Ato Hermenêutico,” 60; Cf. Sabugal, *La Conversión de San Pablo*, 13; Cf. Capes, Reeves, and Richards, *Rediscovering Paul. An Introduction to His World, Letters and Theology*, 86; Cf. Barbaglio, *Pablo de Tarso y Los Origenes Cristianos*, 2:71; Cf. Fung, *The Epistle to the Galatians*, 52; Cf. Scot McKnight, *Galatians* (Grand Rapids MI: Zondervan, 1995), 63.

¹⁹⁵ Fung, *The Epistle to the Galatians*, 54.

¹⁹⁶ Cf. Thomas E. Phillips, “Acts, When Did Paul Become a Christian? Reading Paul's Autobiography in Galatians and Biography in Acts,” in *Christian Origins and the New Testament in the Greco-Roman Context. Essays in Honor of Dennis R. MacDonald*, ed. Margaret Froelich et al. (Claremont CA: Claremont Press, 2016), 190.

ainda que como refere explicitamente o autor, a perseguição não teve aqui o seu fim (cf. At 26, 10).¹⁹⁷ Em segundo lugar, Paulo refere com orgulho a forma como se destacava entre os demais no seio do Judaísmo (cf. Gl 1, 14).¹⁹⁸

Na perspectiva do autor «o avanço de Paulo no judaísmo está ligado com a realização da justiça de acordo com os padrões e ideais do Judaísmo [...] Foi o mesmo zelo que, aliás, levou Paulo a sua implacável hostilidade para com o cristianismo e intensa perseguição da Igreja [...] Este paralelismo serve para reforçar a ideia de que a hostilidade de Paulo à Igreja era o resultado da sua devoção à lei (cf. Fl 3, 5; At 22, 3)». ¹⁹⁹ O seu zelo pela lei é sobretudo consequência da herança que ele recebeu do seu judaísmo.²⁰⁰

O chamamento de Paulo «desde o seio materno» (cf. Gl 1,15) faz uma clara alusão não só ao chamamento de Isaías (cf. Is 49,1) mas também ao chamamento de Jeremias (cf. Jr 1,4), visto que em todos os casos, Deus manifesta o seu plano de salvação para com os gentios (cf. Gl 1,16).²⁰¹

Segundo o autor, o evento de Paulo no caminho de Damasco, traduz-se fundamentalmente na «revelação» que Deus faz do seu único Filho a Paulo e pela mesma graça, este chega a compreensão de que em verdade Jesus é realmente o Messias, o Filho de Deus. Por conseguinte esta «revelação» está intimamente relacionada com a missão de Paulo entre os gentios.²⁰² Aqui o termo «revelação» significa que se trata unicamente de algo dado a conhecer através da providência divina e que de outra forma não seria possível conhecer. Deste modo, a afirmação de Paulo de que o Evangelho por ele anunciado, provém da relação de Jesus Cristo, contrasta assim com o Evangelho anunciado pelos «Judaizantes» cuja providência encontramos nas tradições sagradas.²⁰³

Neste sentido, «a revelação» move Paulo para uma novo paradigma, uma nova identidade. Ou seja, Paulo passa por um reordenamento da sua Vida. Aquele que outrora perseguia ardentemente a Igreja (cf. Gl 1, 13) e estava marcado de zelo pelas tradições dos seus Pais, aquele que relata o seu progresso no judaísmo (cf. Gl 1, 14-15); Este Deus revelou-lhe o seu Filho no firme propósito de o Evangelizar no meio dos Gentios (cf. Gl 1, 16).²⁰⁴ Deste modo,

¹⁹⁷ Cf. Fung, 54.

¹⁹⁸ Cf. Fung, 56.

¹⁹⁹ Cf. Fung, 57.

²⁰⁰ Cf. McKnight, *Galatians*, 72.

²⁰¹ Fung, *The Epistle to the Galatians*, 63.

²⁰² Cf. Fung, 63.

²⁰³ Cf. McKnight, *Galatians*, 64.

²⁰⁴ Cf. McKnight, 77.

o anúncio do evangelho não será apenas dirigido a comunidade de eleição, Israel, mas sim a todas as nações da terra.²⁰⁵ Assim como, este Evangelho não se trata de uma repetição dos ensinamentos dos Apóstolos, mas sim de uma «revelação» direta de Cristo, assim também, esta missão é também uma responsabilidade recebida pessoalmente de Cristo ressuscitado.²⁰⁶

Em Gl 1 a vocação de Paulo é caracterizada como revelação. É o fundamento do seu Evangelho. Paulo não recebeu o evangelho que pregava dos homens, ou seja, através da tradição, mas através de uma revelação de Jesus Cristo (cf. Gl 1,11). Deus revelou-lhe o seu próprio filho para o proclamar entre os gentios (cf. Gl 1,16). Neste segundo caso, a iniciativa de Deus vem à tona. Deus revelou-lhe o seu próprio Filho e, portanto, o evangelho. No primeiro, porém, fala-se da auto-revelação de Jesus Cristo. Ao revelar-se a Paulo, Jesus Cristo confiou-lhe o seu evangelho. As duas expressões podem ser lidas em paralelo. Revelação significa sempre a revelação divina de uma realidade que é simplesmente inacessível aos homens. Aqui, a revelação tem como objetivo o envio de Paulo aos povos pagãos e, portanto, a sua vocação como apóstolo. De facto, em Gl 1,11 e seguintes o termo 'apóstolo' como expressão sintética da comissão recebida não ocorre, mas é aludido em Gl 1,17 e em 1,1 é claramente formulado que Paulo é apóstolo não por homens ou através de homens, mas por Jesus Cristo. As formulações sobre a independência do seu apostolado convergem com as formulações sobre a independência do seu evangelho. Os dois são inseparáveis.²⁰⁷

²⁰⁵ Cf. Focant, “L’Expérience Paulinne d’une Identité En Tension,” 148.

²⁰⁶ Cf. Basevi, *Introducción a Los Escritos de San Pablo. Su Vida y Su Teología*, 44–45.

²⁰⁷ Cf. Gnllka, *Paolo Di Tarso. Apostolo e Testimone*, 56.

2.5. Conversão ou revisão de vida

O evento de Paulo no caminho de Damasco originou uma série de interpretações e posições entre os Exegetas ao longo dos tempos. Enquanto uns preferem apresentar a experiência de Paulo, como uma experiência de conversão, outros preferem vê-la como uma experiência de revelação, chamamento ou apelo.²⁰⁸

A chamada à «conversão» parte primeiramente de uma iniciativa divina. O evento de Damasco traduz-se assim num encontro de Paulo com Jesus que resultou na sua «conversão» (cf. At 9, 3-6). Paulo afirma não ser merecedor de tal graça, sendo que se considera «o pior dos pecadores» (cf. 1 Tm 15, 16).²⁰⁹

Do ponto de vista sociológico, a «conversão» traduz-se numa mudança e numa reavaliação do próprio passado com base nos valores e crenças do novo grupo. Paulo insere-se dentro desta categoria tendo em conta que depois do evento de Damasco, Paulo partilha a sua vida não só com aqueles que outrora ele perseguia, mas também faz uma revisão da sua anterior forma de viver. Na antiga concepção da lei judaica de Paulo, as formas como os seguidores de Jesus viviam eram incompatíveis com a verdadeira fé judaica. Com a sua adesão a Cristo, Paulo «converteu-se» de um judaísmo baseado na lei para viver a fé em Cristo. Também «converteu-se» espiritualmente quando viu a luz da glória de Deus no rosto de Jesus (cf. 2 Cor 3, 16-4, 4).²¹⁰

Como referimos no segundo capítulo não encontramos nos escritos autorais de Paulo nenhuma menção à sua conversão. Na perspectiva de Gaventa, não podemos entender a concepção da «conversão» de Paulo como a mudança de uma religião para a outra, pois Paulo nunca mudou de religião. O cristianismo era no tempo de Paulo uma seita dentro do próprio judaísmo. Logo o cristianismo não se tratava de uma nova religião.²¹¹

Na perspectiva de Walaskay, aqueles que preferem apresentar o evento de Paulo no caminho de Damasco como uma experiência de conversão, sublinham uma mudança radical de Saulo, perseguidor dos Cristãos, para Paulo, apóstolo dos gentios. Não obstante para este autor, esta mudança não explica na sua totalidade a experiência de Paulo, acrescentando o facto de que não existe, Paulo nunca referiu na sua experiência de conversão.²¹² Por conseguinte Udo

²⁰⁸ Cf. Walaskay, *Acts*, 96.

²⁰⁹ Cf. Fernando, *Acts. The Niv Application Commentary*, 302.

²¹⁰ Cf. Capes, Reeves, and Richards, *Rediscovering Paul. An Introduction to His World, Letters and Theology*, 93–94.

²¹¹ Cf. Gaventa, *From Darkness to Light. Aspects of Conversion in The New Testament*, 18.

²¹² Cf. Walaskay, *Acts*, 96.

Schenelle defende a tese de que a experiência de Paulo é uma experiência de conversão, ainda que Paulo não deixou de ser totalmente fiel a tradição farisaica.²¹³

No livro dos Atos como na própria epístola aos gálatas o evento de Paulo no caminho de Damasco traduz-se no apelo de Deus. Este afirma que Deus chamou pela sua graça, e o revelou o seu filho, para que o pudesse proclamar aos gentios (cf. Gl 1, 15-16). Na perspectiva Lucana, Paulo é o instrumento que Jesus escolhe para fazer chegar o seu nome aos gentios (cf. At 9, 15). Paulo é constituído como servo e testemunha das coisas que viu e daquelas que o Senhor lhe revelará (cf. At 26, 16).²¹⁴ É, portanto, natural concluir que o elemento central do acontecimento foi para Paulo a transformação da sua concepção de Jesus.²¹⁵

Na perspectiva de Keener, o evento de Paulo no caminho de Damasco, traduz-se num apelo no meio dos Gentios. Contudo ao fazer referência da sua própria experiência, Paulo realça a forma como vivia outrora no seio do judaísmo em contraposição com a sua vida em Cristo (cf. Gl 1, 13-17; Fl 3, 4-9). A experiência de Paulo no evento de Damasco trata-se fundamentalmente de uma mudança de paradigma que significa essencialmente num nascimento de um novo ser, com uma nova identidade, uma nova concepção da justiça de Deus (cf. 1 Cor 15, 8; Gl 1, 13-17; Fil 3, 4-9; Rom 9, 30).²¹⁶

É pertinente salientar que a concepção que Paulo tinha da lei era contrária à «justiça de Deus», pois ele perseguia e mandava matar os que seguiam a Cristo e proclamavam a mensagem do reino, pensando assim que estaria a cumprir as exigências da lei. Contudo, mediante a revelação de Deus, Paulo reconheceu que, ao perseguir os seguidores de Cristo, estaria a perseguir o próprio Cristo. Neste sentido, esta mudança de paradigma de que fala o autor, significa antes de mais, um reconhecimento da culpa.²¹⁷ Desta forma, Paulo que antes estava sob o jugo da lei, passa agora a estar na «esfera da justiça de Deus».²¹⁸

Na sua primeira carta à Timóteo, Paulo descreve a sua experiência de Damasco e como foi alcançado por Cristo através da sua graça, sem qualquer mérito da sua parte. Este texto

²¹³ Cf. Udo Schnelle, “Über Judentum and Hellenismus Hinaus. Die Paulinische Theologie Als Neues Wissenssystem,” *Zeitschrift Für Die Neutestamentliche Wissenschaft* 111, no. 1 (2020): 125.

²¹⁴ Cf. Walaskay, *Acts*, 97.

²¹⁵ Cf. James D. G. Dunn, *La Nuova Prospettiva Su Paolo*, trans. Franco Ronchi (Brescia: Paideia, 2014), 397.

²¹⁶ Cf. Keener, *Acts. An Exegetical Commentary (3:1-14:28)*, 2:1614.

²¹⁷ Cf. Hengel and Schwemer, *Paul between Damascus and Antioch. The Unknown Years*, 100.

²¹⁸ Cf. Hengel and Schwemer, 104.

descreve literalmente uma mudança de paradigma na vida de Paulo como já fizemos referência anteriormente:²¹⁹

«Sou agradecido para com aquele que me deu força, Cristo Jesus, nosso Senhor, que me julgou fiel, tomando-me para o seu serviço, a mim que outrora era blasfemo, perseguidor e insolente. Mas obtive misericórdia, porque agi por ignorância, na incredulidade. Superabundou, porém, para mim, a graça de nosso Senhor, com a fé e o amor que há em Cristo Jesus. Fiel é esta palavra e digna de toda a aceitação: Cristo Jesus veio ao mundo para salvar os pecadores, dos quais eu sou primeiro. Se me foi feita misericórdia, foi para que em mim primeiro, Cristo Jesus demonstrasse toda a sua longanimidade, como exemplo para quantos nele hão de crer para a vida eterna» (1 Tm 1, 12-16).

A experiência de Damasco significa uma mudança de atitude na vida de Paulo. É com este sentimento que Paulo chega à metrópole da Síria. Recebeu o batismo das mãos de Ananias e depois junta-se à comunidade. Inicia a sua pregação nas Sinagogas de Damasco para o terror e espanto de todos, visto que Ele prega a fé que outrora tentou destruir efusivamente. Paulo adquiriu uma nova consciência de si mesmo como Apóstolo. Após um período turbulento, Paulo é aceite na comunidade de Damasco. Paulo anuncia o Evangelho que lhe foi revelado por Jesus Cristo, com o mesmo zelo que lhe é característico.²²⁰

No entanto, segundo Keener, a experiência de Paulo no caminho de Damasco, situa-nos diante de uma reconfiguração de Paulo e não diante de uma rutura ou repúdio para com o judaísmo. Deste modo, devemos colocar de parte esta dicotomia e reconhecer que de facto Paulo pode ser visto como um convertido (cf. Fl 3,4-11; At 9,1-18) ou como alguém que recebeu um chamamento (cf. 1 Cor 9, 1; 15, 8-11; Gl 1, 11-16; At 22, 10.14.17-21; 26, 4-20). Lucas vê o encontro transformador de Paulo como uma conversão, apresentando-o de acordo com o seu padrão de histórias de conversão.²²¹

²¹⁹ Cf. Becker, *Paolo L'Apostolo Dei Popoli*, 66.

²²⁰ Cf. Hengel and Schwemer, *Paul between Damascus and Antioch. The Unknown Years*, 91-94.

²²¹ Cf. Keener, *Acts. An Exegetical Commentary (3:1-14:28)*, 2:1615.

Conclusão

O evento de Paulo no caminho de Damasco culmina no seu encontro com Jesus, conforme as narrativas de Lucas nos Atos dos Apóstolos e posteriormente, o próprio Paulo nos relata na primeira pessoa o sucedido. Trata-se efetivamente de um acontecimento histórico, transformador, único que doravante, redirecionou absolutamente a sua vida.

Segundo a concepção de muitos exegetas, caminho de Damasco é visto como um lugar onde Paulo se converteu de forma radical. Não obstante, como já frisamos no nosso trabalho, Paulo ao falar na primeira pessoa o que realmente sucedera no caminho de Damasco, não usa qualquer expressão que faz referência à conversão. Deste evento de Damasco, sabemos a partir dos escritos autorais de Paulo que Cristo foi lhe revelado não por mérito, mas sim pela graça de Deus para que o anunciasse entre os gentios.

Em At 9, Lucas narra que Paulo após o encontro com Jesus, imediatamente ele acredita e começa a anunciá-Lo como o messias e filho de Deus (cf. At 9,19-20), porém Paulo não deixa o judaísmo. O que lhe acontece é um afastamento de um judaísmo farisaico, ele que até então tinha um grande zelo no cumprimento da Torah (cf. Fl 3,5). O que ainda sobressai neste cap. é a eleição de Paulo como o escolhido e enviado, por Jesus, aos gentios (cf. At 9,15.17).

Em At 22, Paulo na sua defesa às acusações vindas do tribunal romano, devido à sua ação no meio aos gentios, não nega ser judeu, ao contrário, ele reafirma a sua identidade como judeu e a sua fidelidade à tradição judaica (cf. At 22,4-5), o que justifica que ele não se desvincula da vida religiosa judaica (cf. At 22,17). Porém, Paulo recebe o batismo (cf. At 22,16), o que implica a aceitação e/a profissão de fé em Cristo, e começa a viver com o mesmo zelo o cristianismo, anunciando Jesus aos seus, isto é, aos próprios judeus.

Em At 26, Paulo é apresentado como testemunha da ressurreição de Cristo e como eleito por Cristo para levar o Seu nome aos gentios e a todas as nações da terra (At 26,26-29). Paulo prova aqui que a sua pregação de Cristo ressuscitado não põe em causa as esperanças da fé judaica, a ressurreição dos mortos e a restauração de Israel.

Paulo continuou sendo um Judeu fiel (cf. At 22,3-4) e sua experiência de encontro com o ressuscitado, reorienta o seu Judaísmo. O que muda é a concepção que Paulo tinha de Cristo e do evangelho anunciado pelos seus seguidores. Lucas nos mostra que após a sua experiência, Paulo afirma nas sinagogas que Jesus é o filho de Deus. Ele afirma nos seus discursos aos interlocutores Judeus que a ressurreição de Jesus cumpriu a esperança de Israel (cf. At 9,22; 23,6; 26,4-8).

O que efetivamente podemos afirmar é que a experiência de Paulo no caminho de Damasco, traduz-se numa experiência de revelação, como ele afirma na primeira pessoa (cf. Gl 1, 11-17). Uma revelação que não se estagna em Damasco, mas sim que se decorre de forma progressiva até a Antioquia. Com isso queremos dizer que no caminho de Damasco inicia-se uma mudança de paradigma na vida para Paulo. Ou seja, Ele passa por um processo de revelação ou «desvelamento» que vai demorar um período de 17 anos. É no decorrer deste período que Paulo vai construir o seu pensamento teológico, a sua estratégia missionária e a sua autoconsciência missionária no meio dos gentios. Deste modo, o evento de Paulo no caminho de Damasco significa para Paulo e para o próprio Cristianismo, que encontra em Paulo o seu maior impulsionador, uma mudança de perspectiva.

Bibliografia

1. Fontes

Biblia de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2002.

Nestle-Aland. *Novum Testamentum Graece*. Editado por Barbara Aland, Kurt Aland, Johannes Karavidopoulos, Carlo M. Matini, e Bruce M. Metzger. 27.^a ed. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1993.

Nova Bíblia dos Capuchinhos. Lisboa / Fátima: Difusora Bíblica, 1998.

2. Instrumentos

Behm, Johannes. “Μετανοέω.” In *GLNT*, edited by Felice Montagnini, Giuseppe Scarpata, and O. Soffritti, translated by Franco Ronchi and Giovanni Casanova, 7:1108–95. Brescia: Paideia, 1971.

Bertram, Georg. “Επιστρέφω.” In *GLNT*, edited by Felice Montagnini, Giuseppe Scarpata, and O. Soffritti, translated by Gino Cecchi and Gianfranco Forza, 12:1344–82. Brescia: Paideia, 1979.

Graupner, M. “Swb.” In *TDOT*, edited by G. Johannes Botterweck, Hekmer Ringgren, and Heinz-Josef Fabry, translated by Douglas W. Stott, 14:461–511. Grand Rapids, MI: William B. Eerdmans, 2004.

Kasper, Walter. “Conversión.” In *DEETB*, translated by Marciano Villanueva Salas, 1:381–83. Barcelona: Herder, 2011.

Légasse, Simon. “Επιστρέφω.” In *DENT*, edited by Horst Balz and Gerhard Schneider, 1:1540–43. Salamanca: Sigueme, 1996.

Oepke, Albrecht. “Αποκαλύπτω.” In *GLNT*, edited by F. Montagnini, G. Scarpata, and O. Soffritti, Vol. V. Brescia: Paideia, 1969.

3. Estudios

- Aletti, Jean-Noël. "Can One Speak of a Conversion of Paul in the Book." *Studia Biblica Slovaca* 9, no. 1 (2017): 104–18.
- Alonso, Juan. "Conversion y Hombre Nuevo. Teología de La Conversion de San Pablo." *ScrTh* 41, no. 1 (2009): 47–84.
- Amiot, François. *Introducción a San Pablo*. Translated by Jesús Sánchez Díaz. Caracas: Paulinas, 1966.
- Ballarini, Teodorico. *Paolo. Vita, Apostolato, Scritti*. Edited by Teodorico Ballarini. 2^a. Torino: Marietti, 1970.
- Barbaglio, Giuseppe. *Pablo de Tarso y Los Origenes Cristianos*. Vol. 2. Salamanca: Sígueme, 1992.
- Basevi, Claudio. *Introducción a Los Escritos de San Pablo. Su Vida y Su Teología*. Madrid: Palabra, 2013.
- Baur, Ferdinand Christian. *Paul the Apostle of Jesus Christ. His Life and Works, His Epistles and Teachings*. Massachusetts: Hendrickson, 2013.
- Beaude, Pierre-Marie. "La Conversion de Saint Paul." *LV* 276 (2007): 33–43.
- Becker, Jürgen. *Paolo L'Apostolo Dei Popoli*. Translated by Enzo Gatti. Brescia: Queriniana, 1996.
- Capes, David B, Rodney Reeves, and E. Randolph Richards. *Rediscovering Paul. An Introduction to His World, Letters and Theology*. Downers Grove: IVP Academic, 2007.
- Clines, David A. "Swb." In *DCH*, 8:273–98. Sheffield: Sheffield Phoenix Press, 2011.

- Cothenet, Edouard. *San Pablo En Su Tiempo*. Translated by Verbo divino. Vol. 4. Estella-Navarra: Verbo Divino, 1985.
- Dunn, James D. G. *La Nuova Prospettiva Su Paolo*. Translated by Franco Ronchi. Brescia: Paideia, 2014.
- Edsall, Margaret. “Religious Narratives and Religious Themes in the Novels of Achilles Tatius and Heliodorus.” *Ancient Narratives* 1 (2001): 114–33.
- Fernando, Ajith. *Acts. The Niv Application Commentary*. Edited by Terry Muck. Grand Rapids: Zondervan, 1998.
- Ferreira, Joel Antônio. “A Vocação de Paulo Em Gálatas.” *Revista Pistis Praxis* 5, no. 2 (2013): 425–41.
- Fialho, Maria do Céu. “Paulo No Caminho de Damasco.” In *Paulo de Tarso. Grego e Romano, Judeu e Cristão*, edited by José Augusto Ramos, Maria Cristina de Sousa Pimentel, Maria do Céu Fialho, and Nuno Simões Rodrigues, 1^a., 45–54. Coimbra: Centros de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra, 2012.
- Fitzmyer, Joseph A. *The Acts of the Apostles*. New York: Doubleday, 1998.
- Focant, Camille. “L’Expérience Paulinne d’une Identité En Tension.” *RETM* 271 (2012): 143.
- Fung, Ronald Y. K. *The Epistle to the Galatians*. Grand Rapids, MI: William B. Eerdmans, 1988.
- Furtado, Rodrigo. “Paulo de Tarso. Em Torno Da Origem.” In *Paulo de Tarso. Grego e Romano, Judeu e Cristão*, edited by José Augusto Ramos, Maria Cristina de Sousa Pimentel, Maria do Céu Fialho, and Nuno Simões Rodrigues, 1^a., 13–28. Coimbra: Centros de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra, 2012.

- Gaventa, Beverly Roberts. "Conversion." In *AnBD*, edited by David Noel Freedman, 1:1131–33. New York, London, Toronto, Sydney, Auckland: Doubleday, 1992.
- . *From Darkness to Light. Aspects of Conversion in The New Testament*. Philadelphia: Fortress, 1986.
- Gnilka, Joachim. *Paolo Di Tarso. Apostolo e Testimone*. Translated by Vincenzo Gatti. Brescia: Paideia, 1998.
- Hedrick, Charles W. "Paul's Conversion/Call: A Comparative Analysis of the Three Reports in Acts." *JBL* 100, no. 3 (1981): 415–32.
- Hengel, Martin, and Roland Deines. *The Pre-Christian Paul*. Translated by John Bowden. 1^a. London: SCM, 1991.
- Hengel, Martin, and Anna Maria Schwemer. *Paul between Damascus and Antioch. The Unknown Years*. Translated by John Bowden. Louisville: Westminster John Knox, 1997.
- Holtz, Traugott. "Ἀποκαλύπτω." In *DENT*, edited by Horst Balz and Gerard Schneider, 1:389–95. Salamanca, 1996.
- Horace. *Satires, Epistles, Ars Poetica*. Translated by H. Rushton Fairclough. London: William Heinemann, 1942.
- Hornik, Heidi J., and Mikeal C. Parsons. *Acts of the Apostles. Through the Centuries*. Oxford: Wiley-Blackwell, 2017.
- Jung, Deok Hee. "A Study of Paul's Identity in Acts." *ExpT* 130, no. 3 (December 26, 2018): 110–21.
- Keener, Craig S. *Acts. An Exegetical Commentary*. 4 Vols. Grand Rapids: Baker Academic, 2014.

- Lohfink, Gerhard. *The Conversion of St. Paul. Narrative and History in Acts*. Translated by Bruce J. Malina. Chicago: Franciscan Herald, 1976.
- Longenecker, Richard N. "Acts." In *The Expositor's Bible Commentary*, edited by Frank E. Gaebelein and J. D. Douglas, 9:207–573. Grand Rapids, MI: Zondervan, 1981.
- Marguerat, Daniel. "L'image de Paul Dans Les Actes Des Apôtres." In *Les Actes Des Apôtres. Histoire, Récit Théologie. XX Congrès de l'Association Catholique Française Pour l'étude de La Bible (Angers 2003)*, edited by Michel Berder, 121–54. Paris: Cerf, 2005.
- . *Les Actes Des Apôtres (13-28)*. Genève: Labor et Fides, 2015.
- McKnight, Scot. *Galatians*. Grand Rapids MI: Zondervan, 1995.
- Merklein, Helmut. "Μετανοέω." In *DENT*, edited by Horst Balz and Gerhard Schneider, translated by Constantino Ruiz-Garrido, 2:248–59. Salamanca: Sigueme, 1998.
- Murphy-O'connor, Jerome. *Paul. A Critical Life*. Oxford: Oxford University, 1996.
- Neuhaus, David M. "À La Rencontre de Paul. Connaître Paul Aujourd'hui — Un Changement de Paradigme ?" *RSR* 90, no. 3 (2002): 353–76.
- Neusner, Jacob. "Defining Judaism." In *The Blackwell Companion to Judaism*, edited by Jacob Neusner and Alan J. Avery-Peck, 3–19. Oxford: Blacwell, 2003.
- Pena, Abel N. "De Tarso Na Cilícia à Roma Imperial. A Educação de Saulo." In *Paulo de Tarso. Grego e Romano, Judeu e Cristão*, edited by José Augusto Ramos, Maria Cristina de Sousa Pimentel, Maria do Céu Fialho, and Nuno Simões Rodrigues, 1^a., 29–43. Coimbra: Centros de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra, 2012.
- Phillips, Thomas E. "Acts, When Did Paul Become a Christian? Reading Paul's Autobiography

- in Galatians and Biography in Acts.” In *Christian Origins and the New Testament in the Greco-Roman Context. Essays in Honor of Dennis R. MacDonald*, edited by Margaret Froelich, Michael Kochenash, Thomas E. Philips, and Ilseo Park, 180–201. Claremont CA: Claremont Press, 2016.
- Porter, Stanley E. “Defining the Parameters of Paul’s World: An Introduction.” In *Paul’s World*, 4:1–6. Leiden: Brill, 2008.
- . “Paul as Jew, Greek, and Roman: An Introduction.” In *Paul. Jew, Greek, and Roman*, edited by Stanley E. Porter, 5:1–6. Leiden: Brill, 2008.
- Ramos, José Augusto. “Paulo de Tarso. A Conversão Como Ato Hermenêutico.” In *Paulo de Tarso. Grego e Romano, Judeu e Cristão*, edited by José Augusto Ramos, Maria Cristina de Sousa Pimentel, Maria do Céu Fialho, and Nuno Simões Rodrigues, 1^a., 55–68. Coimbra: Centros de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra, 2012.
- Reymond, S. “Paul Sur Le Chemin de Damas (Ac 9; 22 et 26). Temps et Espace d’une Expérience.” *NRT* 4 (1996): 520–38.
- Roloff, Jürgen. *Hechos de Los Apostoles*. Translated by Dionisio Mínguez. Madrid: Cristiandad, 1984.
- Sabugal, Santos. *La Conversión de San Pablo*. Barcelona: Helder, 1976.
- Sanders, E. P. *Paul. The Apostle’s Life, Letters and Thought*. Minneapolis: Fortress Press, 2015.
- Schnelle, Udo. “Über Judentum and Hellenismus Hinaus. Die Paulinische Teologie Als Neues Wissenssystem.” *ZNW* 1 (2020): 124–55.
- Strabo. *Geography*. Translated by Duane W. Roller. Cambridge, New York: Cambridge

University, 2014.

Talbert, Charles H. *Reading Acts. A Literacy and Theological Commentary on The Acts of the Apostles*. United States of America: Smyth & Helwys, 2005.

Tatum, Gregory. *New Chapters in the Life of Paul*. Washington: The Catholic Biblical, 2006.

Walaskay, Paul W. *Acts*. Louisville: Westminster John Knox, 1998.

Wallace, Richard, and Wynne Williams. *The Three Worlds of Paul of Tarsus*. London: Routledge, 1998.